



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**COVID-19 E DISPUTA POLÍTICA NO TWITTER: O  
“TRATAMENTO PRECOCE” COMO OBJETO DE  
DESINFORMAÇÃO, CIÊNCIA E CONFIANÇA**

**MONIQUI MACIEL FRAZÃO**

Rio de Janeiro

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**Covid-19 e disputa política no Twitter: o "tratamento precoce"  
como objeto de desinformação, ciência e confiança**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social – Jornalismo.

**Nome: Moniqui Maciel Frazão**  
**Orientador: Prof. Dr. Paulo César Castro de Sousa**

Rio de Janeiro  
2022

# FICHA CATALOGRÁFICA

## CIP - Catalogação na Publicação

<p>Maciel Frazão, Moniqui</p>	
<p>M152c</p>	<p>Covid-19 e disputa política no Twitter: o "tratamento precoce" como objeto de desinformação, ciência e confiança / Moniqui Maciel Frazão -- Rio de Janeiro, 2023. 66 f.</p>
<p>Orientador: Paulo César Castro de Sousa. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo, 2023.</p> <p>1. tratamento precoce. 2. covid-19. 3. política. 4. confiança. 5. ciência. I. Castro de Sousa, Paulo César, orient. II. Título.</p>	

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho Covid-19 e disputa política no Twitter: o "tratamento precoce" como objeto de desinformação, ciência e confiança, elaborado por Moniqui Maciel Frazão.

Aprovado por



Prof. Dr. Paulo César Castro de Sousa (orientador)



Prof. Dr. Sandra Tóres de Azevedo



Ma. Fernanda de Barros da Silva

Grau: 10,0 (dez)

Rio de Janeiro, no dia ...13.../...01.../...2023....

Rio de Janeiro

2022

À minha família por todo o esforço em minha formação acadêmica, sempre me apoiando e me incentivando a acreditar que, pela educação, eu alcançaria todos os meus objetivos. Obrigada por todo apoio para que eu chegasse até aqui, com amor e abnegação. Sem vocês, nada disso teria sido possível.

## AGRADECIMENTOS

Acredito que ter chegado até aqui foi o produto dos esforços de pessoas a quem devo agradecer.

Agradeço à minha mãe, Mabilde, sobretudo pela sua crença de que a educação seria o bem mais precioso que eu poderia conquistar. Graças a ela e a todos os seus sacrifícios por uma educação de qualidade para mim e para os meus irmãos, chegamos juntas até aqui. Obrigada por me ensinar a não temer o desconhecido, a acreditar nos meus sonhos e a lutar para realizar todos eles, sempre com a certeza de que eu conseguiria.

Agradeço ao meu pai, Frazão, por todo incentivo para que eu pudesse crescer por meio da educação, também sacrificando-se para permitir que eu tivesse todos os recursos necessários para concluir meus estudos, desde a infância até hoje. Obrigada por me ensinar a sonhar grande e saber que atingiria os meus objetivos por meio do meu esforço e dedicação.

Sou grata, além disso, aos meus irmãos, Ana Carolina e Wagner, por terem sido grandes exemplos para mim. Agradeço à minha irmã por ter sido sempre a minha inspiração nos estudos e por me ensinar a nunca me acomodar e a questionar as injustiças do mundo. Agradeço ao meu irmão por ser exemplo de persistência, respeito, pensamento crítico e justo no mundo e a todos os valores que ele me ensinou, que carrego comigo para o Jornalismo e para a vida. Graças ao seu suporte durante a graduação, pude trilhar este caminho.

Preciso agradecer, também, àqueles que não chegaram até aqui. Concluir o ensino superior no Brasil, infelizmente, ainda é para poucos, mas graças, também, ao trabalho dessas pessoas, podemos conquistar este sonho. Faço isso agradecendo especialmente aos meus avós maternos, André e Francisca, e aos paternos, Ana e Francisco, todos não mais presentes neste plano espiritual. Eles não chegaram até a universidade, mas sempre acreditaram que, pela educação, seus filhos cresceriam e alcançariam um destino melhor. Toda educação firme para que isso acontecesse repercute hoje, em seus netos e nas suas conquistas, e permitiram sonhar com um futuro mais bonito para todos nós!

Agradeço ao meu orientador Paulo César Castro, por todo apoio e orientação não só durante este trabalho, mas durante boa parte da minha trajetória acadêmica. Paulo foi tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) da Escola de Comunicação, no qual conheci a iniciação científica e passei mais de três anos da minha formação na Comunicação.

Ao professor Sandro Tôrres de Azevedo e à mestra Fernanda de Barros da Silva, por

aceitarem participar da minha banca. É uma honra tê-los como meus avaliadores.

Agradeço à professora de Projeto II, Gabriela Nóra, por todos os ensinamentos neste processo, além da revisão criteriosa e do suporte para que eu concluísse o meu trabalho.

Agradeço a todas as amigadas neste percurso, inclusive às amigas da época de colégio, que sempre tiveram uma palavra de incentivo neste processo. Agradeço também a todos os amigos que a ECO me trouxe, que dividiram comigo as angústias e dificuldades deste percurso entre trabalhos, provas e aulas.

Agradeço à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e à Escola de Comunicação (ECO), que tão bem me receberam e me formaram, sempre com oportunidades de crescimento, diversidade de opiniões e geração de conhecimento de excelência. São a prova de que as instituições públicas de ensino funcionam e merecem ser preservadas enquanto bem da sociedade.

Agradeço a todos aqueles que cruzaram o meu caminho durante esses mais de cinco anos, sejam professores, técnicos, terceirizados, chefes e colegas de estágios e bolsas. Todos eles contribuíram com seu conhecimento para a minha formação enquanto jornalista.

A todos vocês o meu muito obrigada!

FRAZÃO, Moniqui Maciel. **Covid-19 e disputa política no Twitter: o "tratamento precoce" como objeto de desinformação, ciência e confiança**. Orientador: Prof. Dr. Paulo César Castro de Sousa. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2022.

## RESUMO

A pandemia teve um elemento que acarretou discussões acaloradas: o chamado “tratamento precoce” – um conjunto de medicamentos indicados como eficientes para tratar a doença por alguns atores sociais, mas tidos como sem comprovação científica por outros. O termo colocou o enfrentamento da covid-19 numa verdadeira arena, ainda mais porque um dos principais defensores da suposta eficácia da medicação foi o ex-presidente da República Jair Bolsonaro. Para compreender o nível de politização da covid-19, este trabalho analisou postagens publicadas no Twitter que continham quatro *hashtags* a esses medicamentos como, entre outros, cloroquina e azitromicina: #TratamentoPRECOCESalvaVidas; #TratamentoPrecoceNãoExiste; #TratamentoPrecoceNAOFunciona; #TratamentoPrecoce. Foram usadas a Análise de Conteúdo e a Análise de Redes Sociais. Os resultados apontam que a covid-19 também foi usada para aprofundar a polarização política, sendo esta responsável por isolar ainda mais os atores sociais em suas bolhas. A pandemia, assim, passou a ser objeto de disputas, fazendo com que as relações de confiança que se estabelecem no campo da política, baseadas na crença de muitos na liderança de alguns, fossem exploradas para questionar as recomendações da ciência.

**Palavras-chave:** tratamento precoce, covid-19, política, confiança, ciência.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>01</b>
<b>2 A REDE, A PANDEMIA E A PÓS-VERDADE: REGIME DE VERDADE CONTEMPORÂNEO DENTRO DAS REDES SOCIAIS ONLINE</b>	<b>06</b>
<b>3 DESCRENÇA SOBRE AS INSTITUIÇÕES EPISTÊMICAS: O CALDEIRÃO DA PANDEMIA</b>	<b>14</b>
<b>4. POLITIZAÇÃO DA PANDEMIA, RELAÇÕES DE CONFIANÇA E CIÊNCIA: TRÊS ESFERAS EM CONSTANTE DIÁLOGO</b>	<b>21</b>
<b>5. METODOLOGIA</b>	<b>28</b>
5.1. Análise de Conteúdo	28
5.2. Análise de Redes Sociais	33
<b>6 #TRATAMENTOPRECOCESALVAVIDAS OU #TRAMANETOPRECOCE NÃO EXISTE? ANÁLISE DAS DISCUSSÕES NO TWITTER</b>	<b>35</b>
6.1 Análise de Conteúdo	35
6.2 Análise de Redes Sociais	47
<b>7 CONCLUSÃO</b>	<b>52</b>
<b>8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a covid-19, doença causada pelo vírus Sars-Cov-2, tratava-se de uma pandemia. A doença que esse vírus causa, a covid-19, que rapidamente espalhou-se pelo mundo, inclusive pelo Brasil, levou a diferentes medidas para sua contenção, tanto baseadas na prescrição de medicamentos e vacinas quanto nas do tipo não farmacológicas. Entre estas últimas, de natureza mais ou menos restritiva, podem ser listadas o uso de máscaras, suspensão de aulas, redução no funcionamento do comércio, assim como limitações para o trânsito de pessoas. Paralelo a isso, cresceu o número de casos e mortes pela doença e a busca por tratamentos e para uma vacina contra a doença.

O potencial da hidroxicloroquina, um dos principais remédios tidos como eficientes contra a covid-19, passou a ser explorado a partir de um pequeno estudo chinês, mas ganhou destaque em manchetes com a publicação de um estudo do médico francês Didier Raoult e sua equipe, divulgado em março de 2020. A pesquisa envolveu 36 pacientes e afirmou que o remédio era capaz de diminuir a carga de coronavírus no organismo e, de acordo com as conclusões do experimento, esses benefícios seriam maiores se o antibiótico azitromicina fosse ministrado em conjunto. Em setembro do mesmo ano, Raoult foi denunciado pela Sociedade de Patologia Infecciosa de Língua Francesa (SPILF) por “promoção indevida de medicamento”. Em janeiro do ano seguinte, o médico admitiu numa carta ter excluído alguns voluntários do resultado da pesquisa. “Ao avaliar esses dados completos, com esses participantes que ficaram de fora do artigo original, o resultado da hidroxicloroquina é negativo e não houve redução de mortalidade, necessidade de UTI ou oxigenação”, afirmou o médico Jose Gallucci-Neto, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, à BBC News Brasil em São Paulo (BIERNATH, 2021).

No primeiro semestre de 2020, o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, apoiou a ideia de Raoult. O mandatário escreveu que a hidroxicloroquina “deveria ser colocada em uso imediatamente, pois pessoas estão morrendo”. Suas convicções ganharam ressonância no Brasil quando o então presidente Jair Bolsonaro (PL) passou a fazer ampla defesa do uso da hidroxicloroquina contra a covid-19 (BIERNATH, 2021).

Em depoimento à CPI da Covid, o diretor-executivo da Prevent Senior, Pedro Batista Júnior, admitiu que pacientes da operadora de saúde passaram a exigir a prescrição da

cloroquina e de outros medicamentos do “kit covid” após falas do presidente Jair Bolsonaro e de outras pessoas influentes em defesa do “tratamento precoce” (RIBEIRO; SCHUCH, 2021).

A partir disso, a hidroxicloroquina e outros medicamentos que compunham o chamado “kit covid” — como cloroquina, azitromicina e ivermectina — passaram a ser defendidos como solução não só para a doença, mas também como saída para o fim das medidas restritivas contra o vírus, enquanto o mundo testava vacinas contra o Sars-Cov-2.

O “kit covid” inclui drogas como hidroxi(cloroquina), ivermectina, nitazoxanida, azitromicina e corticosteróides. O uso *off-label*<sup>1</sup> de medicamentos reposicionados contra a covid-19 naquela época tornou-se bastante problemático quando políticos proeminentes como Donald Trump começaram a promover drogas não comprovadas como solução para a doença. Essa entrada em cena de atores da política na seara da ciência provavelmente desencadeou o uso *off-label* generalizado de várias medicações contra a covid-19 em muitos países, entre eles os Estados Unidos e o Brasil, apesar da comunidade científica internacional desaconselhar a prática. No Brasil, já a partir de março de 2020, amplamente liderado pelo presidente Bolsonaro, diversas ações que favoreceram a disseminação do novo coronavírus foram colocadas em prática no país, não só por autoridades públicas, mas também por médicos. Essas ações incluíram, entre outras, a promoção de medicamentos não comprovados contra a covid-19 e a sabotagem de medidas como distanciamento social, uso de máscara e vacinação. Isso ocorreu em um clima politicamente inflamado e com uma população assustada, em que muitas pessoas tinham dificuldade de fazer escolhas de saúde informadas (CARAMELLI; FURLAN, 2021).

A pandemia de covid-19 provocou a polarização dos debates tanto no mundo político quanto no mundo científico, quando não atrelando essas duas esferas. Um desses casos foi o debate em torno do chamado “tratamento precoce” — protocolo com medicamentos sem comprovação científica para o tratamento e até prevenção da covid-19. Um de seus maiores defensores, Jair Bolsonaro associou, em inúmeras falas públicas, eficácia ao método. Já os críticos ao “tratamento precoce” argumentavam que, sem estudos comprovados relacionando

---

<sup>1</sup> Utilização não aprovada, que não consta da bula. “O uso *off label* de um medicamento é feito por conta e risco do médico que o prescreve, e pode eventualmente vir a caracterizar um erro médico, mas em grande parte das vezes trata-se de uso essencialmente correto, apenas ainda não aprovado. Há casos mesmo em que esta indicação nunca será aprovada por uma agência reguladora, como em doenças raras cujo tratamento medicamentoso só é respaldado por séries de casos. Tais indicações possivelmente nunca constarão da bula do medicamento porque jamais serão estudadas por ensaios clínicos”. Disponível em: [http://antigo.anvisa.gov.br/en\\_US/resultado-de-busca?p\\_p\\_id=101&p\\_p\\_lifecycle=0&p\\_p\\_state=maximized&p\\_p\\_mode=view&p\\_p\\_col\\_id=column-1&p\\_p\\_col\\_count=1&\\_101\\_struts\\_action=%2Fasset\\_publisher%2Fview\\_content&\\_101\\_assetEntryId=352702&\\_101\\_type=content&\\_101\\_group](http://antigo.anvisa.gov.br/en_US/resultado-de-busca?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-1&p_p_col_count=1&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_assetEntryId=352702&_101_type=content&_101_group). Acesso em 30 jan. 2023.

a eficácia dos medicamentos no combate à covid-19, não seria possível recomendar a utilização para a população.

Frente a esta importante questão de saúde pública para a sociedade brasileira e suas grandes reverberações no debate público, este trabalho dedicou-se a estudar de que forma se expressaram as redes de apoio e reprovação ao uso do chamado “tratamento precoce” no Twitter, levando em consideração a maneira como a discussão foi atrelada ao campo político. Além disso, buscou-se compreender de que forma e quais discursos foram acionados para defender o uso ou não uso do “tratamento precoce”; assim como entender como os conceitos de “comprovação científica” e de “confiança” foram acionados nesses discursos.

A pertinência deste projeto ao campo da Comunicação, mais especificamente do Jornalismo, dá-se devido à importância do fenômeno das redes sociais on-line, especialmente em um momento de forte questionamento dos meios de comunicação tradicionais; das questões levantadas por conta do debate em torno do “tratamento precoce”, entre elas a politização da ciência; a polarização da política, e das relações de confiança enquanto determinantes para a tomada de decisão do cidadão, sobretudo no contexto de pós-verdade. Esses fenômenos são, também, do campo da Comunicação e do Jornalismo, e vêm sendo potencializados pelas redes sociais on-line. Com isso, as descobertas deste projeto podem apontar para possíveis entendimentos sobre o contexto comunicacional atual e para as novas arenas de debate, formação de opinião individual e da opinião pública.

A hipótese que orienta este trabalho é baseada no pressuposto de que as relações de confiança que sustentam as relações políticas, ainda mais sob o cenário de polarização política que o Brasil passou durante o período mais agudo da pandemia, foram fundamentais para definir os apoios e as reprovações ao “tratamento precoce”.

No caso dos posicionamentos a favor do tratamento da doença com as vacinas, com o distanciamento social e uso de máscaras, mostrou-se fortemente presente o discurso científico, através da referência a pesquisas, artigos científicos e opiniões médicas, de forma a agregar valor à imagem do ator político envolvido na discussão. Quando estão ausentes os argumentos científicos, no entanto, encontraram-se fortemente presentes os discursos em torno da experiência com o uso ou não uso desses medicamentos, como argumento de avaliação de sua eficácia, que contribuíram para a desinformação sobre a forma científica de lidar com a doença.

Para aferir a hipótese que orientou este trabalho foi feita uma coleta de publicações reunidas a partir de quatro *hashtags* temáticas em torno do “tratamento precoce”: #TratamentoPRECOCESalvaVidas; # TratamentoPrecoce; #TratamentoPrecoceNãoExiste;

#TratamentoPrecoceNAOFunciona. Foram excluídas postagens que, por algum motivo, estivessem fora do ar. Após essa exclusão restaram 1.464 postagens a serem analisadas.

No capítulo 2 é abordado o regime de verdade contemporâneo dentro das redes sociais on-line. A intenção é discutir de que forma a discussão da pandemia e do tratamento precoce reflete o regime de verdade contemporâneo em vigência. Este capítulo é importante para contextualizar as mudanças no regime de verdade, como a pandemia insere-se neste contexto de mundo globalizado, como as redes sociais on-line são influenciadas e influenciam neste processo, e também o debate sobre o conceito de desinformação e, como consequência, colaboram para a desordem informacional que se instaura contemporaneamente. Estas questões têm forte reverberação nesta pesquisa, pois é a partir delas que se discute de que forma os sentidos em torno da doença são construídos. O capítulo é baseado principalmente nos aportes de autores como Castro e Silva (2022), D’Ancona (2018), Foucault (1979), Oliveira (2020), Paiva e Sacramento (2020) e Dunker (2017) — para contextualizar os conceitos de regime de verdade, suas mudanças e seus reflexos sobre os processos de produção de verdade.

No capítulo 3 é abordada, especialmente, a crise das comunidades epistêmicas enquanto pano de fundo da pandemia. Neste debate, que gira em torno de um movimento de crise da verdade, são consideradas diversas instituições epistêmicas, destacadamente as científicas. Também se aborda a entrada de novos agentes no campo da disputa de narrativas, e da passagem de um regime de confiança nas instituições para um regime baseado na crença individual e na experiência pessoal. Esse capítulo é importante para contextualizar o cenário científico no qual se dá essa crise, no qual as narrativas em torno da ciência ocorrem. Para isso, utiliza-se novamente Dunker (2017), Oliveira (2020), Paiva e Sacramento (2020), Signates (2012), Sarlo (2007), Recuero, Soares e Zago (2021), Pariser (2012) e Quattrociocchi, Scala e Sunstein (2016).

No capítulo 4 são discutidas efetivamente a politização da pandemia, as relações de confiança e a ciência. Para isso, trata-se do aparecimento da pandemia nas mídias sociais e como, a partir deste, como foi fortemente politizada. Também se discute de que forma a desinformação circulou dentro da rede vinculada à politização dos discursos. A polarização é outro elemento abordado no capítulo, assim como os seus tipos, já que na rede há forte tendência à polarização. Também é tratada a politização da ciência, com Araujo e Oliveira (2020), o populismo relacionado à ciência segundo Mede e Schäfer (2020), e o próprio conceito de verdade, de acordo com Foucault (1979). Fala-se ainda dos mecanismos de confiança para Paiva e Sacramento (2020).

O capítulo 5 deste trabalho é dedicado à metodologia e aborda os dois recursos que foram utilizados neste percurso: a Análise de Conteúdo (AC), segundo Bardin (1977), e a Análise de Redes Sociais (ARS), de acordo com Recuero (2017), com um breve histórico do surgimento dessas metodologias. A escolha dessas duas metodologias deu-se por conta da sua aplicabilidade às demandas desta pesquisa. Em relação à Análise de Conteúdo destaca-se seu foco quantitativo, essencial nesta análise para verificar quais foram as temáticas mais recorrentes nas publicações analisadas, descobrindo, por meio de inferências a partir do contexto analisado, quais foram as mensagens contidas dentro dos *posts*, gerando as evidências obtidas neste trabalho.

Já a Análise de Redes Sociais, que tem se popularizado cada vez mais na área de Comunicação, foi usada para estudar as interações nas mídias sociais. A metodologia foi aplicada a partir da análise de grafos, ou seja, visualizações que exibiram a rede de relações que se estabeleceram entre os usuários que tinham em seus *posts* as *hashtags* citadas acima.

Também neste capítulo faz-se a explicação sobre as categorizações feitas neste trabalho — análises de nível 1 e análise de nível 2 — de cada uma das *hashtags*. No trecho, ademais, aborda-se a constituição do *corpus* da pesquisa, a coleta e a estruturação dos dados, assim como as etapas feitas em cada uma das análises.

No capítulo 6 aponta-se para os resultados da efetiva análise dos dados coletados com a explicação de números como os do *corpus* desta pesquisa, assim como as categorizações feitas — análises de nível 1 e 2. No capítulo também são avaliados dois grafos elaborados a partir das *hashtags* #TratamentoPRECOCESalvaVidas e #TratamentoPrecoceNaoExiste.

Na conclusão é feito um apanhado sobre os conceitos gerais, relacionando-os aos resultados apontados pela análise. Também é feito alguns apontamentos para o futuro deste trabalho, que caminha para uma ampliação do *corpus* desta pesquisa, em busca de resultados mais densos e por uma ampliação também sobre o debate do “tratamento precoce” na esfera pública off-line – ou seja, fora do campo das redes sociais on-line —, em busca de compreender se os resultados refletidos nesta pesquisa têm ressonância ou refletem o que é debatido fora das redes sociais on-line.

## **2 A REDE, A PANDEMIA E A PÓS-VERDADE: O REGIME DE VERDADE CONTEMPORÂNEO DENTRO DAS REDES SOCIAIS ON-LINE**

Neste trabalho parte-se das características que a rede apresentou durante a pandemia. Recuero (2021) aponta a maior atividade na propagação de conteúdo desinformativo em comparação com o conteúdo informativo. Isto, prossegue a autora, indica que há mais atores engajados em ativamente espalhar desinformação do que em espalhar conteúdo checado ou informativo.

Isso pode ocorrer porque há mais atores envolvidos ou porque há mais atores engajados em compartilhar esse tipo de conteúdo, ou porque existe um maior investimento e mesmo um maior suporte de redes automatizadas (bots)<sup>2</sup>. O estudo demonstra que há maior atividade no espalhamento de desinformação do que de conteúdo verificado e que isso também indica que há uma necessidade maior de engajar os atores da sociedade civil e suas instituições em auxiliar na propagação do conteúdo verdadeiro (RECUERO, 2021).

A pandemia da covid-19 se insere em um contexto de mundo globalizado e conectado em rede. Com as medidas de isolamento social, o uso da rede intensificou-se mais ainda, o que gerou um território fértil para intensos debates acerca do controverso tema da doença. Carvalho, Castro e Schneider (2021) afirmam que, tradicionalmente, a percepção sobre as doenças resulta do que sobre elas relatam principalmente os diferentes especialistas vinculados ao campo da saúde e, a partir desses, também o fazem os meios de comunicação jornalísticos — duas instituições tradicionalmente produtoras de conhecimento e dos discursos de verdade.

Agora, entretanto, qualquer enfermidade tem seus significados construídos também levando em conta as informações que circulam pela internet, em especial através dos sites de rede social on-line. Este novo ambiente comunicacional, em que potencialmente qualquer ator social (individual ou institucional) pode produzir e distribuir diferentes conteúdos, tem acarretado um aprofundamento progressivo da desinformação. O fenômeno, ressaltam os autores, não é exclusivo das redes sociais on-line, mas dada a possibilidade de alcance massivo de receptores, informações imprecisas ou mesmo falsas têm tido impactos antes impensáveis (CARVALHO; CASTRO; SCHNEIDER, 2021).

---

<sup>2</sup> Um programa de computador que funciona automaticamente, especialmente aquele que busca e encontra informações na internet. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/bot>. Acesso em 03 dez. 2022. Programas de software que executam tarefas automatizadas e repetitivas que geralmente simulam o comportamento humano, de forma padrão. Disponível em: <https://www.kaspersky.com.br/resource-center/definitions/what-are-bots>. Acesso em: 03 dez. 2022.

Este conteúdo de desinformação, que também circula entre as discussões na rede, é popularmente chamado de *fake news*. Wardle (2019), porém, prefere chamar o fenômeno de desordem informacional. A autora classifica os diferentes tipos de desordem informacional a partir de suas características. *Disinformation* é o conteúdo intencionalmente falso projetado para causar danos, motivado por três fatores: ganhar dinheiro; ter influência política, seja estrangeira ou nacional; ou causar problemas. Quando a *disinformation* é compartilhada, a autora prefere classificá-la como *misinformation*. A diferença em relação à primeira é que, neste caso, a pessoa que compartilha não percebe que o conteúdo é falso ou enganoso. Ela acredita, muitas vezes, que está ajudando. O compartilhamento que pratica é impulsionado por fatores psicológicos, de pertencimento a tribos como por exemplo um mesmo partido político, pais que não vacinam seus filhos, ativistas que estão preocupados com as mudanças climáticas ou aqueles que pertencer a uma determinada religião, raça ou grupo étnico, já que on-line, as pessoas realizam suas identidades. A terceira e última categoria, *malinformation*, refere-se a informações genuínas que são compartilhadas com a intenção de causar dano, a exemplo de quando os agentes russos invadiram e-mails do Partido Nacional Democrata e a da campanha de Hillary Clinton e vazou certos detalhes ao público para prejudicar reputações (WARDLE, 2019, p. 8-9).

Outro conceito, trabalhado por Carvalho, Castro e Schneider (2021), é o de *deception*, que significa enganar um adversário com uma ação planejada e com o uso de um conjunto de métodos, todos ao mesmo tempo ou em combinações parciais. Há três métodos de *deception*: a negação (bloqueio do acesso a fontes alternativas de informação que permitam o questionamento de uma falsa realidade); a informação verdadeira, que é baseada no uso de informações corretas, ou até mesmo parciais, sem grande importância, com o objetivo de reforçar informações falsas; e por fim, o mau direcionamento, no qual a sobrecarga informacional gera dispersão e dificulta o processamento da informação.

Quando se analisa o teor dessa discussão, pode-se buscar avaliar como se dá o regime de verdade contemporâneo, baseado em Foucault (1979). Para o filósofo francês, o conceito diz respeito ao conjunto de discursos autorizados que circulam em uma sociedade, diferenciando verdade e mentira, produzindo poder e controlando as ações — inclusive, com sanções em caso de atitude desviante.

Entretanto, no regime de informação que vem se estabelecendo a partir do ambiente comunicacional da internet, o limite entre o verdadeiro e o falso passa a ser tênue, já que as tradicionais instituições e seus protocolos de construção de “verdades”, como a ciência, o jornalismo, a universidade e o judiciário, são constantemente colocadas em xeque e em ambas



as situações, “a busca pela instituição do “discurso de autoridade”, como proposto por Bourdieu (2008, p. 91), acarreta, com ardis ou não, efeitos concretos de poder” (CARVALHO; SOUZA; SCHNEIDER, 2021, p. 22).

Pode-se dizer, na verdade, que se forma atualmente um verdadeiro regime de desinformação, com diferentes interesses envolvidos — políticos, econômicos, religiosos e etc. Para sua execução, são usadas táticas complexas de linguagem e Comunicação para disseminação de notícias falsas, através de variados canais de informação, sendo, ultimamente, os mais explorados as redes sociais on-line. Por trás dessas artimanhas, muitas vezes usadas a serviço de projetos de poder, o objetivo é construir um ambiente de desordem informacional. “Nesse sentido, geram um regime de incerteza suportado por uma corrente encadeada de informações falsas inerentes que reforçam crenças, estimulam comportamentos, moldam discursos e produzem (des)autoridade” (CARVALHO; SOUZA; SCHNEIDER, 2021, p.23).

Hoje, pode-se pensar em uma mudança no regime de verdade. Na contemporaneidade, passa-se de um regime de verdade baseado na confiança nas instituições para um regulado pelos dogmas, pela intimidade, pela experiência pessoal. A sustentação de tal regime é baseada na valorização de um outro tipo de autoridade: a autoridade experiencial (PAIVA; SACRAMENTO, 2020).

Recuero (2021), em seu estudo sobre a circulação de informações durante a pandemia da covid-19, destaca que a mídia tradicional (veículos jornalísticos) e os órgãos de checagem apenas conseguem alcançar as bolhas onde circula a desinformação quando seu conteúdo está de acordo, ideologicamente, com o indivíduo que circula nesses espaços. O conceito dos bolha de filtros foi criado por Eli Pariser em seu livro “O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você” e trata de mecanismos de previsão que criam e refinam constantemente uma teoria a respeito de quem o indivíduo é e sobre o que vai fazer ou desejar a seguir, criando um universo de informações exclusivo para cada um. Alteram, com isso, a forma como lidam com ideias e informações (PARISER, 2012).

A bolha dos filtros traz três novas dinâmicas, segundo Pariser. Primeiro, cada espectador está sozinho na sua bolha, porque o que assiste não é assistido por outras pessoas, com quem compartilharia seu referencial. Com isso, a bolha afasta uns dos outros. Segundo, porque a bolha é invisível, já que, enquanto aqueles que assistem a fontes de notícias sabem que estão assistindo a um canal com determinada inclinação política, o Google não diz quem ele pensa que o indivíduo é ou por que está o mostrando o resultado que ele vê ou se as

suposições que faz sobre ele estão certas ou erradas. E por não se escolher os critérios que os sites usarão para filtrar os assuntos, é fácil intuir que as informações que chegam através de uma bolha de filtros sejam imparciais, objetivas, verdadeiras, enquanto não são. É impossível conhecer seu grau de parcialidade. Terceiro porque não se opta por entrar na bolha, como se faz quando se liga em um determinado canal de televisão, em um processo ativo e percebendo as inclinações dos editores. Os filtros personalizados vêm até os indivíduos e são a base dos lucros dos sites que os utilizam. É cada vez mais difícil fugir deles.

A limitação dos usuários às suas próprias bolhas ideológicas, a partir das quais consome apenas conteúdos que reforçam suas opiniões (verdadeiros e falsos), é o que, no geral, acarreta a polarização. Os frequentadores das bolhas estão muito pouco dispostos a aceitar pontos de vista contrários às opiniões que já têm. Essa é a marca do que passou a ser chamado de pós-verdade, “adjetivo definido como ‘relativo ou denotando circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e crenças pessoais’” (WORD..., 2016, tradução nossa)<sup>3</sup>:

Por outro lado, as bolhas informacionais formam certa barreira para a chegada da informação verdadeira. Recuero (2021) identifica que, principalmente por conta da polarização, houve dificuldade de circulação da informação qualificada nos grupos em que a desinformação sobre a pandemia foi destaque. Via de regra, onde circula a desinformação não circula a notícia submetida à avaliação dos veículos de *fact-checking* e outros tipos de conteúdos verificados.

Quando analisa a circulação de conteúdos no Facebook durante a parte mais crítica da pandemia, a autora observa que a maior parte da desinformação era composta por conteúdo nativo da plataforma, enquanto o conteúdo checado circulava principalmente a partir de *links* para agências de checagem. Por conseguinte, todos os usuários conseguiram consumir a desinformação nativa do Facebook, mas aqueles com planos de celular pré-pago dependiam do pacote de dados de internet contratado para acessar o material checado publicado fora da plataforma.

No Brasil, o alcance e a efetividade do conteúdo submetido ao escrutínio dos veículos de *fact-checking* são muito limitados. A autora cita dados do Cetic.br (2021) sobre o uso de internet durante a pandemia no país, referentes ao ano de 2020. Os telefones celulares continuaram como o principal dispositivo utilizado para acessar a rede, atingindo quase o total

---

<sup>3</sup> No original: “*Post-truth is an adjective defined as ‘relating to or denoting circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief’*”.

da população usuária de Internet com dez anos ou mais (99%) e para mais da metade desses usuários (58%) o acesso se deu exclusivamente pelo celular, proporção que chega a 90% entre aqueles que estudaram até a Educação Infantil ou que pertencem às classes DE. O uso exclusivo do celular também foi predominante entre moradores da região Nordeste (72%) e que se autodeclararam pretos (65%) ou pardos (60%). O estudo aponta ainda que, em 2019, para 70% das pessoas nas classes DE, o acesso móvel ainda se dava por planos pré-pagos (CETIC.BR, 2021, p.96).

O fator dificulta o alcance das checagens de fatos porque os usuários de planos de acesso patrocinado (*zero-rating*) enfrentam dificuldades para acessar informações publicadas fora de plataformas como Facebook e WhatsApp, facilitando o espalhamento de desinformação (RECUERO, 2021). Isto pode ter impactos no consumo de informações dos usuários de mídias sociais e ajuda a explicar a maior popularidade da desinformação em comparação ao conteúdo de checagem.

Diante de tal quadro sociotécnico, o que mais pode ser dito sobre a pós-verdade? O conceito, conforme D’Ancona tem sua base social na ruína da confiança que tem sustentado as sociedades, especificamente através das relações entre classe política, cidadãos e instituições. Para o autor, a confiança é o mecanismo fundamental para a sobrevivência humana e a base da coexistência que permite aos relacionamentos funcionarem com sucesso (D’ANCONA, 2018, p.42 apud CASTRO; SILVA, 2022, p.4). De acordo com o autor, a característica da pós-verdade não é determinar a verdade por meio de uma avaliação racional, mas na escolha da própria realidade em um contexto em que não é mais tão fácil distinguir o fato da mentira (SOUZA; SILVA, 2022, p. 4).

Segundo Foucault (1979), a verdade é deste mundo, produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer que funcionam como verdadeiro (FOUCAULT, 1979, p.52).

Nas sociedades, prossegue o autor, a “economia política” da verdade tem cinco características historicamente importantes. Uma delas é que a “verdade” é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem (FOUCAULT, 1979, p.52).

Na era da pós-verdade ocorre uma crise em que as instituições são constantemente questionadas, especialmente aquelas tradicionalmente tidas como produtoras de verdade. Neste contexto, que dá voz a movimentos conspiratórios, “a informação, é campo de disputa sobre a produção narrativa” (OLIVEIRA, 2020, p.22). Neste cenário, questiona-se o que se sabe e se o que se sabe é verdadeiro.

Neste contexto de concorrência informacional, assim como aborda Oliveira (2020), o conhecimento produzido por certas instituições não tem mais o peso que tinha antes. Favorecidas pela internet, as informações e discursos que vão de encontro aos oficiais circulam cada vez mais. Muitas vezes, assumem o status de *verdadeira* verdade e, em alguns casos, até competem com a oficial. De maneira semelhante às técnicas usadas nas teorias da conspiração, instauram outra verdade, em um contexto no qual a ciência é uma das formas de interpretar o mundo.

No contexto da crise das instituições epistêmicas, surgem fenômenos como por exemplo, as teorias da conspiração (OLIVEIRA, 2020). Fundadas no conhecimento estigmatizado que, no limite, causam danos à sociedade, essas teorias vêm sendo ignoradas por instituições que foram consolidadas em torno da produção da verdade — aquelas que compõem as “comunidades epistêmicas”. Frente a este contexto, em que as teorias da conspiração tomam uma relevante proporção no debate público, a autoridade científica é substituída por outros saberes e a disputa pela informação é travada por diferentes atores.

Entre os sujeitos que compõem as comunidades epistêmicas, a ciência foi o setor que se consolidou como o de maior prestígio (OLIVEIRA, 2020). Por meio do acelerado processo de desenvolvimento tecnológico e industrial, o conhecimento científico passou a ocupar uma posição de destaque no século XIX. Esta supervalorização da ciência e a crença de que tudo pode ser explicado através de métodos científicos, em detrimento de outros tipos de saber, se consolidaram com base em sistemas de validação sobre a produção de verdade, a partir de instrumentos legitimados pela própria comunidade científica. Essa concepção de que um determinado sistema de conhecimento era considerado científico, logo, dotado de uma autoridade reconhecida, levou à instauração da ciência sob um status religioso, propagado sobretudo pela corrente positivista na qual o conhecimento científico era a única forma de conhecimento verdadeiro.

No ambiente das redes on-line, através do modo como cada uma delas estabelece suas formas de vínculos entre os usuários, definem-se também diferentes modalidades de comunicação e, conseqüentemente, de circulação de conteúdos. Com isso, vão-se construindo grupos identitários, de compartilhamento de valores e de familiaridade, que geram uma

mudança na organização social e no relacionamento com a verdade (PAIVA; SACRAMENTO, 2020).

Fecha-se rapidamente o sentido, compreendendo-se o outro cedo demais, nos alienamos em sua imagem e assim nos fechamos para a sua palavra (DUNKER, 2017, p. 31). É uma recusa ao outro ou pelo menos uma indiferença, que, em caso de ameaça, o usuário pode recorrer até à violência. Ao se delimitarem os modos de pensar e praticar em um grupo, segrega-se e se recorre à violência identitária, potencializadas pela internet e redes sociais on-line (PAIVA; SACRAMENTO, 2020). Os autores (2020) defendem que a recusa do outro também pode ser notada na lógica de reconhecimento vigente na pós-verdade. A inclinação de suspensão da censura moralizante na formação de agrupamentos baseados em objetivos comuns tem sido vetorizada pela internet e pelas redes sociais on-line. Esse reconhecimento rápido demais do outro, a recusa a sua palavra e a segregação pode ser encontrada nos debates nas redes sociais on-line, especialmente no tema do “tratamento precoce”, no qual é possível ver claramente estabelecido uma espécie de “nós” e “eles” — os que apoiam *versus* os que não apoiam o “tratamento”.

Com tal abordagem, o autor está tratando da corrosão do diálogo. Ele prossegue explicando que não é só porque as pessoas passam muito tempo em interações sociais digitais que aprendem novos modos de estar com o outro, para o bem e para o mal. “Antes, quando alguém tinha uma crença bizarra ou fora de esquadro, sentia-se acuada e desenvolvia formas de se conter; agora, encontra “parceiros” para tudo na internet, inclusive para pior” (DUNKER, 2017, p. 31).

Juntos ocorre uma liberação de censura, que depende essencialmente disso, prossegue Dunker. “Para Freud isso acontece quando temos certo tipo de paróquia” que no fundo já pensa tudo aquilo individualmente, mas que, quando se junta, é levado a suspender a censura (DUNKER, 2017, p. 32). Dali a pouco, explica o autor, essa paróquia vai se reunir apenas para isso, suspender a censura, que vira de certa forma a maneira oficial de diversão. E quanto mais disso, melhor, até o ponto em que, em vez de falar e escutar, o ato de cruzar a censura resume o encontro. E aí entra a ideia de que em um grupo quem fala mais “alto” — no sentido chulo — e mais “baixo” — no sentido desleal e intimidador — “ganha”. “Isso cria uma população de pessoas que só pode falar para emitir certezas e conseqüentemente a guerra aberta de opiniões” (DUNKER, 2017, p. 32). O que liga as pessoas é a gramática de dividir para perseguir e perseguir para dividir, então, a solução prevista é o choque de massas vocais, que não estão dispostas à escuta, mas à dominação pelo eco.

Essa moral, que identifica o conjunto de indivíduos, classe e a multidão, parte de uma relação de dupla indiferença. Para os de dentro, não é preciso escutar porque já se sabe o que será dito; e para os de fora, escutar é desnecessário já que se sabe quem são. Trata-se de um declínio da escuta e da fala, segundo Dunker (2017).

É preciso entender, no entanto, a verdade como relacionada ao poder, e suas articulações, e ao saber em uma sociedade. O momento contemporâneo representa uma mudança nos regimes de verdade — segundo Beatriz Sarlo, uma “guinada subjetiva” (PAIVA; SACRAMENTO, 2020, p.86).

Trata-se, segundo a autora, nos anos 1970 e 1980, de uma reorganização ideológica e conceitual do passado e de seus personagens, que se concentra nos direitos e na verdade da subjetividade e sustenta grande parte da iniciativa reconstituidora das décadas de 1960 e 1970. De acordo com a autora, isso “coincide com uma renovação análoga na sociologia da cultura e nos estudos culturais, em que a identidade dos sujeitos voltou a tomar o lugar ocupado, nos anos 1960, pelas estruturas”. No cenário, reconstruiu-se a razão do sujeito, que foi, décadas antes, mera “ideologia” ou “falsa consciência”. Esse discurso é que enconbriu o depósito escuro de impulsos ou mandatos que o sujeito ignorava. Por conseguinte, a história falada e o testemunho trouxeram de volta a confiança na primeira pessoa que narra a sua vida para manter a lembrança ou para consertar uma identidade machucada (SARLO, 2007, p.18-19).

### **3 DESCRENÇA NAS INSTITUIÇÕES EPISTÊMICAS: O CALDEIRÃO DA PANDEMIA**

Na contemporaneidade, segundo Oliveira (2020), ocorre uma crise das chamadas comunidades epistêmicas, formadas por indivíduos com conhecimentos socialmente legitimados, que atuam junto aos Estados e que exercem algum tipo de influência na esfera pública. Dentre elas, podem ser incluídos a imprensa, agências de governo e institutos de pesquisas. A que se consolidou com maior prestígio foi a ciência, como se dessa comunidade viessem as explicações mais balizadas e verdadeiras.

Oliveira cita Luiz Signates (2012), quando argumenta que a ciência no mundo contemporâneo vive uma série de crises e questionamentos, decorrentes dos mais diferentes fatores, entre eles a crise da verdade e a crise social da ciência. De acordo com Signates (2012), a crise da verdade é provocada a partir de uma compreensão pós-moderna na qual o conhecimento científico é apenas uma das muitas representações da realidade. Já a crise social da ciência é o entendimento “de que a ciência não consegue atender a algumas das mais caras promessas da modernidade: a da justiça social, a da construção ética e a da solidariedade, racionalmente fundamentadas” (SIGNATES, 2012, p. 140 apud OLIVEIRA, 2020, p.23). Oliveira cita ainda a crise na comunicação da ciência, que tem suas raízes históricas no século XIX, quando a crise das disciplinas tornou a ciência tão especializada, que era necessária uma “tradução” para ser entendida por um público interessado; além da dependência do jornalismo — uma outra instituição em crise neste momento, e constantemente questionada por diversos atores sociais. O jornalismo tradicional, umas das fontes tradicionalmente mais importantes de informações, é impactado negativamente com as mudanças geradas pelas redes sociais on-line, que se tornaram uma fonte alternativa de informação, mas sem estarem submetidas, muitas vezes, a critérios mínimos de verificabilidade.

Nas plataformas digitais, há a entrada de novos atores individuais e institucionais no campo de disputa pelas narrativas, potencializando o cenário da desordem informacional. Tal caos pode assumir diferentes formas, como teorias da conspiração, através das quais é instaurada desconfiança (como tem sido o caso sobre as vacinas) ou a crença de que alguém está buscando esconder uma verdade ou um interesse oculto. Isso, segundo Oliveira (2020), é sintomático da passagem de um regime de confiança nas autoridades instituídas tradicionalmente para um que se baseia na crença individual e na experiência pessoal.

A crise epistêmica atual, constantemente associada à desinformação e ao excesso informacional e a uma agenda conservadora religiosa de direita, é o reflexo da passagem de

um regime de verdade baseado na confiança nas instituições para um outro regime regulado pela crença individual e pela experiência pessoal (OLIVEIRA, 2020), dando voz a movimentos conspiratórios em que a informação é um campo de disputa sobre a produção de narrativa.

Tal situação resulta, conforme Paiva e Sacramento (2020), de um processo de generalização da desconfiança sobre as instituições, em especial, as do Estado e de uma tendência cada vez maior da confiança no discurso apoiado na experiência do que no baseado em evidências e métodos científicos. Os autores argumentam que é este cenário, de “cultivo produtivo de incerteza”, no qual outro ou o si podem estar errados, que se transforma no contexto discursivo da pós-verdade — de forma semelhante ao que ocorre quando Oliveira (2020) aborda o tema das teorias da conspiração. É o contexto da pós-verdade, na qual a experiência vale mais que o método e há incerteza generalizada.

Dunker (2017) esclarece que, no fenômeno da pós-verdade, não se trata de pedir ao interlocutor que acredite em premissas extraordinárias ou contraintuitivas, mas de explorar preconceitos que o destinatário cultiva e que, gradualmente, o leva a confirmar conclusões tendenciosas.

O autor exemplifica ao explicar que se tende a achar que algo é a ciência, com sua autoridade neutra e imparcial, e outra coisa é o que se faz com a ciência, colocando em disputa ideológica ou política suas implicações ou traduzindo suas descobertas em aplicações tecnológicas. “Isso nos leva, por exemplo, à ideia errônea de que a ciência se compõe de ideias claras e consensualmente estabelecidas e não de controvérsias e polêmicas que se transformam com o tempo” (DUNKER, 2017, p. 34).

Para Dunker, a estrutura cognitiva da pós-verdade, propriamente regressiva, depende do mito da unidade científica, da sua autoridade normativa, justamente para que ela possa se aliar com as piores formas de metafísica. Onde há polêmica e controvérsia de opiniões, defende o autor, é porque se está no campo da ideologia e da metafísica. Para a pós-verdade, a ciência silencia e a ideologia faz falar; onde o multiculturalismo valorizava a polifonia de vozes e a diversidade de acentos, a pós-verdade eleva-se como “trovão de ordem”.

A pós-verdade transfere a autoridade da ciência ou do jornalismo sério para a produção e as opiniões, criando certos efeitos. A dificuldade de abordar o problema da ciência em toda a sua complexidade exige a cobertura de uma área muito extensa com preceitos simples e abrangentes. Aliás, nada mais tentador do que pular os dados técnicos, os detalhes e as incertezas de um problema real com uma boa opinião de conjunto, ainda mais se ela for sancionada pela “razão universal”, que limpa o terreno e nos dispensa de



considerar certos ângulos adicionais e excessivos da matéria. (DUNKER, 2017, p. 35-36)

Quem se interessa por tais argumentos, de acordo com o autor, está desfavorecido e desautorizado na discussão, em acordo com um diagnóstico, ascendente no Brasil, de que se padece de um excesso de ciências humanas. Dunker destaca expressões como “pseudociência” ou “pseudointelectual”, que são recorrentes entre autores que se consagram à pós-verdade, “justamente porque isso garante o autor na posição de quem pratica a denúncia” (DUNKER, 2017, p. 36). A pós-verdade explora uma característica da internet que é a flutuação de autoridade, o que, no entanto, é um de seus aspectos mais democráticos.

A pós-modernidade é a condição ideológica a partir da qual a pós-verdade pode emergir como uma espécie de reação regressiva. Ela se aproveita de uma percepção social de que há um excesso de indefinições contido em termos como: politicamente correto, relativismo, multiculturalismo, igualitarismo, coletivismo, ecologismo e secularismo. Contra isso será preciso voltar ao estado personalista da verdade, resgatar suas raízes na família retomando o tempo em que a verdade era definida pela identidade do autor que a enuncia. Ela não é mais a expressão da aliança entre o neoliberalismo econômico de direita e a pauta comportamental progressista de esquerda. (DUNKER, 2017, p. 36-37)

Neste contexto de pós-verdade, pode-se pensar na crise das instituições historicamente epistêmicas. Ao mesmo tempo que a ciência, o jornalismo e o Estado entram em crise e são constantemente questionadas pela sociedade, na sua “produção de verdade”, outras instituições, como a família e a religião, parecem fortalecerem-se. Isso se dá por uma batalha no campo das incertezas.

Enquanto sobretudo a ciência e o jornalismo admitem o duvidoso, o incerto e as novas hipóteses, já em um contexto tão grande de incertezas sociais, econômicas e políticas, as instituições que não as admitem — como os conceitos mais conservadores de religião e de família — parecem ganhar força, garantindo ao cidadão uma certeza, que os fecha em seus grupos e suas bolhas, que constantemente reforçam suas certezas.

Neste cenário, o cultivo da incerteza, colocando as afirmações das instituições produtoras de verdade em xeque, reforça as instituições que não admitem — ou admitem menos — a dúvida, fortalecendo o vínculo entre os grupos ideológicos que se reúnem em torno delas e dividindo ainda mais “nós” e “eles”, ou o “eu” do “outro”.

A experiência é outro elemento que ganha força neste contexto. Sarlo (2007) argumenta que os combates pela história são chamados agora de combates pela identidade, e

nessa permutação, aparece o sujeito e a experiência. No registro da experiência se reconhece uma verdade e uma fidelidade ao ocorrido (SARLO, 2007).

A atualidade, prossegue a autora, aceita a construção da experiência como relato em primeira pessoa. Em uma dimensão intensamente subjetiva, um verdadeiro renascimento do sujeito caracteriza o presente. Os direitos da primeira pessoa apresentam-se, de um lado, como direitos reprimidos que devem libertar-se; de outro, como instrumentos da verdade. E, caso fossem essa segunda coisa, estaria, pois, claro o motivo pelo qual nos espaços de autoridade desconfiaria deles (SARLO, 2007).

A promessa de uma divulgação ampla nas plataformas de redes sociais enfrenta grandes desafios devido à entrada de diferentes atores no campo de disputa sobre a informação. Para além da diversidade de sujeitos nos espaços digitais, também existe a própria mediação algorítmica que em tese pode potencializar a entrega do conteúdo ao usuário de acordo com suas preferências, o que implica na formação de câmaras de eco, nas quais as informações que circulam nestes espaços chegam parcialmente ao usuário (OLIVEIRA, 2020). Raquel, Soares e Zago referenciam Sunstein (2001) quando o autor propõe a ideia de câmaras de eco. Entende-se que os grupos políticos podem formar câmaras de eco em contextos nos quais indivíduos com posicionamentos semelhantes se isolam do resto da sociedade e possuem acesso somente a opiniões e informações que reiteram o posicionamento do grupo. Sua proposição, no entanto, possui alguns problemas, entre elas a falta de definição clara do conceito e evidências que apontam que grupos isolados como mencionados por ele são extremamente raros (RECUERO; SOARES; ZAGO, 2021).

A questão relaciona-se à ideia de viés de confirmação — muitas pessoas buscam informações que apoiem suas atuais convicções. O fenômeno afeta fortemente as decisões a respeito da divulgação de conteúdo e cria, em potencial, as chamadas cascatas dentro de comunidades identificáveis. Nestas circunstâncias, o comportamento on-line pode promover a polarização do grupo (QUATTROCIOCCHI; SCALA; SUNSTEIN, 2016). Em um estudo sobre Câmaras de Eco no Facebook, Quattrociochi, Scala e Sunstein (2016) avaliam como usuários estadunidenses e italianos da rede relacionam-se com duas narrativas distintas (envolvendo teorias da conspiração e ciência) e identificam que os usuários do Facebook concentram-se principalmente em um único tipo de narrativa. A interação social é “orientada pela homofilia” — ou seja, usuários com polarização semelhante tendem a se agregar. Além disso, o viés de confirmação desempenha um papel fundamental na seleção de conteúdo (QUATTROCIOCCHI; SCALA; SUNSTEIN, 2016, p.11).

Pelo menos nas áreas estudadas pelos autores, os usuários do Facebook são altamente polarizados. A polarização cria comunidades em grande parte fechadas, principalmente sem interação, centradas em diferentes narrativas — câmaras de eco. Para informações científicas e teorias da conspiração, quanto mais ativo um usuário estiver dentro de uma câmara de eco, mais ele irá interagir com outras pessoas com crenças semelhantes. Ademais, a divulgação da informação tende a ser confinada a comunidades de pessoas que pensam da mesma forma. Nas discussões os usuários mostram uma tendência de buscar e receber informações que fortalecem sua narrativa preferida e rejeitar informações que a desvirtuem (QUATTROCIOCHI; SCALA; SUNSTEIN, 2016).

Estudos mostram que usuários de plataformas de redes sociais são expostos, em maior ou menor grau, a conteúdo de alguma forma heterogêneo, mas, por outro lado, a exposição a informações heterogêneas em cenários de acirrada polarização pode contribuir para aumentar a polarização, mesmo que o fenômeno necessite de mais estudos, visto que as evidências até o momento são controversas (RECUERO; SOARES; ZAGO, 2021).

O fenômeno contemporâneo das narrativas nas redes tem suas origens antigas. É isso que Paiva e Sacramento (2020) descrevem quando dizem que o antigo fenômeno das notícias falsas é exacerbado nos dias de hoje por sua incorporação ao funcionamento social das redes eletrônicas, cujos usuários, principalmente os mais jovens, cada vez menos propensos a distinguir o discurso informativo do discurso mercadológico, são permeados por um amplo e vago imaginário social. Isso, pontuam os autores, não se dá apenas por esta razão de ordem técnica: a impulsão motora do fenômeno decorre principalmente da crescente indiferença generalizada à realidade dos fatos em favor de um acentuado desregramento dos afetos.

Na lógica atual do mercado, como entendemos, verdade é um produto reiterado, não por consenso liberal, mas pelo automatismo inerente ao circuito discursivo dos dispositivos de mídia, ou seja, devido à intenção de inculcar um ponto de vista supostamente verdadeiro, o jogo atual do mercado e da rede perfaz-se pela amplificação tecnológica – a eletrônica e a semiose redefinem e alargam o espaço – do ponto de vista. Este, em vez de apenas martelado, é irradiado como uma contaminação atômica ou viral, propagando-se por contágio ou por ondas de impacto sensível. (PAIVA; SACRAMENTO, 2020, p. 84)

A pós-verdade é, com isso, um termo autoconsciente de mudança de época, “trocando pesadamente suposições sobre uma ‘era da verdade’ de que aparentemente gostávamos (PAIVA; SACRAMENTO, 2020, p. 84).

Os autores defendem que o que vivemos é uma mudança de regime de verdade. Ao falar sobre as mudanças ocorridas na modernidade, referem-se a Giddens (1991) sobre o processo de desencaixe das relações sociais. Os autores explicam que, diferentemente das sociedades tradicionais, onde o contato ocorria face a face, neste novo contexto as relações se dão à distância e com atores que muitas vezes sequer conhecem-se. Segundo Paiva e Sacramento (2020), o atual regime de verdade estabelece algo como o “viver para crer” e ainda um ter “vivido para ser crível” (PAIVA; SACRAMENTO, 2020, p.86)

Nesse contexto, a experiência legitima o conhecimento sobre a verdade tem um caráter mais testemunhal, de “quem viveu, sabe”, e “produz na primeira pessoa (naquele que viu, viveu, sentiu) da experiência e da narrativa de um determinado acontecimento a origem da verdade ou um documento de que o narrado realmente existiu” (PAIVA; SACRAMENTO, 2020, p. 86). Os autores explicam que a experiência evoca uma presença participativa, “um contato sensível com o mundo a ser compreendido, uma relação de afinidade emocional, uma concretude de percepção” (PAIVA; SACRAMENTO, 2020, p. 86).

Os autores abordam ainda a convicção e a crença. Citam Paul Ricoeur (1976), e explicam que parece fácil confundir as duas palavras, que mantêm uma relação de distância e proximidade. Segundo Ricoeur (1983), descrevem os autores, convicção e argumentação pertencem à mesma ordem – a do conhecimento, do ditável – e são resolvidas em uma síntese conflituosa. Já a confiança é simultaneamente uma mistura de dizer e fazer, de ser articulada e sensível, tanto quanto uma função que opera a passagem da razão para o sentimento (PAIVA; SACRAMENTO, 2020).

A questão das fake news e da pós-verdade parece-nos estruturada pela mudança das relações entre crença e convicção. O ato de crer, o crer, e o objeto da crença, o crido, diluem as fronteiras entre crença e verdade, em que a opinião, o acreditar que, desempenha uma relação intensa com o acreditar em, próprio da convicção, envolvendo o sujeito num compromisso com um sistema simbólico de explicação do mundo que lhe dá segurança ontológica, mas que, ao mesmo tempo, convenceu-o e deu-lhe certeza e confiança para lidar com a própria existência. (PAIVA; SACRAMENTO, 2020, p. 88)

Neste contexto, a crise do conhecimento das instituições tem como pano de fundo a ausência de metodologias rígidas, nem sempre esclarecidas. Cabe questionar: num cenário de valorização da autoridade experiencial, do viver para crer, qual lugar ocupa a ciência e tantas outras instituições produtoras de verdade? A ciência, instituição produtora de verdade, entra em crise potencial, pois que crença e verdade misturam-se formulando uma nova forma de apreender o mundo que muitas vezes questiona as instituições tradicionalmente

epistemológicas, pondo-as em suspeição e questionando seu método, seus resultados e até mesmo o conceito de verdade.

#### **4 POLITIZAÇÃO DA PANDEMIA, RELAÇÕES DE CONFIANÇA E CIÊNCIA: ESFERAS EM CONSTANTE DIÁLOGO**

A pandemia atrelou diversas esferas, entre elas, a política, as relações de confiança e a ciência, que foram imbricadas nos discursos que rodearam o “tratamento precoce”. No debate no Twitter foi possível identificar, nos discursos em torno do mesmo tema, falas que lançavam mão de argumentações políticas; de relações de confiança, especialmente quando se tratava da experiência pessoal em relação ao tratamento da covid-19, e da própria ciência, utilizando da experiência em cidades brasileiras, de opiniões de especialistas e textos científicos.

Na mídia social, no Brasil, a pandemia foi enquadrada mais como um assunto político-partidário e do que assunto de saúde pública, segundo Recuero et al (2020). Por isso, a discussão sobre os modos de tratamento e combate foi extremamente polarizada e confundida, pela população, com uma questão de filiação. No país, ressalta a autora, isso causou efeitos negativos relacionados à cooperação coletiva, polarizando ações de mitigação — como por exemplo, quem usa máscara, estaria filiado a um discurso X, se eu não usar, está filiado a um discurso Y.

Isso ocorre por alguns motivos. O primeiro deles é porque o enquadramento político fez com que a discussão sobre a pandemia entrasse em um contexto de polarização e de “bolhas” ideológicas, da presença de grupos onde apenas certos conteúdos que estão alinhados ideologicamente circulam. Tais “bolhas” acabam por filtrar todo o conteúdo que discorde ou ameace esse alinhamento, o que impede a sua circulação no grupo. São atores centrais na criação destas “bolhas” líderes políticos que produzem conteúdo sobre a pandemia a partir de um enquadramento ideológico, ativistas e outros usuários muito ativos, que compartilham apenas conteúdo alinhado ao seu posicionamento (RECUERO et al., 2020).

Os resultados encontrados pelo relatório de pesquisa de Recuero et al (2020) também apontam para uma apropriação da desinformação sobre covid-19, como sustentação de discursos políticos particularmente de apoio a atores políticos no Brasil — em especial ao presidente da República, Jair Bolsonaro. Esse cenário permite que a desinformação sobre a pandemia se utilizasse de “infovias” e estratégias já utilizadas por esses atores para outros tipos de desinformação, incluindo a política.

Na linha de outras pesquisas também foi observado um forte alinhamento da maior circulação da desinformação com elementos discursivos e ideológicos da extrema-direita no Brasil e, particularmente, dos grupos de apoio do presidente Bolsonaro. Com isso, ao invés de

enxergar a pandemia como um problema de saúde pública, foi vista como questão política, sendo conspiração ou ataque ao governante (RECUERO et al., 2020).

Esses grupos políticos têm papel importante no processo de enquadramento dos assuntos como políticos, no uso de autoridades para legitimar conteúdos problemáticos e nos processos de difundir desinformação. “A existência de bolhas polarizadas em todas as conversações sobre Covid-19 que alinham a questão com ideologias políticas terminam por usar a desinformação como uma forma de sustentar o discurso da extrema-direita” (RECUERO et al., 2020, p. 16). Os autores observam, ainda, desinformação circulando em grupos filiados politicamente a outros vieses no Brasil. Contudo, há uma circulação significativamente menor desse tipo de conteúdo, salientada pela assimetria da polarização do debate no Brasil (RECUERO et al., 2020).

Recuero, Soares e Zago (2021) avaliam que a desinformação sobre as temáticas relacionadas à doença tornou-se um problema no controle do vírus e, assim, estudos mostram que essa polarização política afeta as atitudes e as percepções das pessoas sobre a pandemia de covid-19. No cenário brasileiro, a hidroxicloroquina também tornou-se um debate polarizado, conforme alinhamentos políticos, o que propiciou espalhamento de desinformação. Houve, ainda, popularização de teorias da conspiração que circularam nas mídias sociais frequentemente motivadas por cenários de polarização e pelo discurso político (RECUERO; SOARES; ZAGO, 2021).

Os autores pontuam que o fenômeno de polarização política não é exclusivo das mídias sociais, mas que tem sido observado que as conversações políticas nesses ambientes têm forte tendência à polarização. Quanto à ideia de polarização, esta pode-se referir tanto à polarização ideológica, quando dois grupos possuem opiniões diferentes; quanto à polarização afetiva, quando além de opiniões divergentes, os dois grupos nutrem aversão um ao outro. Destaca-se que contextos de intensa polarização afetiva podem levar à radicalização de indivíduos em função do aumento da aversão entre os grupos (RECUERO; SOARES; ZAGO, 2021).

No estudo, Recuero, Soares e Zago (2021) consideram câmaras de eco como grupos que filtram o conteúdo que compartilham, dando preferência a informações que reforcem uma narrativa política em particular. Os autores afirmam que os usuários estão expostos de alguma maneira a informações antagônicas, inclusive as criticam para fortalecer seus argumentos. No entanto, as informações compartilhadas por usuários em uma câmara de eco representam uma dieta midiática distinta daqueles que não fazem parte do grupo (RECUERO; SOARES; ZAGO, 2021).

Isso se repete nos resultados desta pesquisa. Foram identificadas referências a atores políticos, a espectros como direita e esquerda, a instituições como o legislativo, executivo e judiciário como temas centrais em argumentos inseridos no debate sobre o “tratamento precoce” — dentro das hashtags analisadas nesta pesquisa — o que é um primeiro indício de forte politização deste debate dentro do *corpus* da pesquisa. Há também comentários cujo conteúdo não lança mão de mais temáticas e argumentos, o que foi classificado como “mera defesa ou ataque” — o que pode ser indício de polarização afetiva.

No Twitter, acontecimentos sociais e políticos são, muitas vezes, ressignificados em função da interpretação e da discussão entre usuários, e essa ressignificação pode ser um ponto importante para a construção de narrativas opostas àquelas desejadas pelos órgãos de combate à pandemia. Oferecem, assim, uma narrativa alternativa justificada por meio da desinformação para legitimar comportamentos dissonantes (como o não uso de máscaras e o negacionismo da própria existência do vírus, por exemplo) (RECUERO; SOARES; ZAGO, 2021).

É preciso entender as características dos veículos hiperpartidários. Eles se referem a mídias geralmente nativas digitais que se engajam em discussões políticas por meio da produção de conteúdo que não tem compromisso com as normas éticas do jornalismo, utilizando, muitas vezes de informações falsas ou manipuladas com objetivos políticos. Usualmente, aderem a campanhas de difamação da mídia tradicional e, no discurso de mídias hiperpartidárias, é comum a característica do sensacionalismo e os caça-cliques (RECUERO; SOARES; ZAGO, 2021).

Os resultados do trabalho de Recuero, Soares e Zago (2021) apontam para uma rede polarizada, em que links anti ou pró-cloroquina praticamente não circulam em vizinhança diversa. Esse elemento sugere fortemente a presença de câmaras de eco, que atuam diante de polarização afetiva. Identificam também que grupos com sentimentos polarizados em relação à hidroxicloroquina só reproduzem URLs alinhadas com seus posicionamentos (RECUERO; SOARES; ZAGO, 2021).

Araujo e Oliveira (2020), argumentam que em meio a disputas informacionais sobre a medicação e politização da ciência, teorias da conspiração e outras alternativas relacionadas à ciência surgem como um fenômeno de grande repercussão nas redes sociais on-line, especialmente quando ocorrem acontecimentos de impacto na sociedade, como no caso da covid-19.

Neste contexto de circulação de fatos alternativos e embates políticos sobre a informação científica, atores de influência nos ambientes digitais, não



necessariamente reconhecidos dentro do campo científico, são acionados como fontes de referência para o debate público sobre ciência, a partir de informações que podem contestar ou consentir evidências científicas como forma de reforçar o viés de confirmação dos sujeitos. (ARAUJO; OLIVEIRA, 2020, p.197)

Araujo e Oliveira (2020) identificam em sua pesquisa que o conjunto de discursos identificados mostra que as disputas de informação estão relacionadas a fenômenos mais amplos no qual a informação de ciência relaciona-se com a politização da ciência e exercícios de pressão política nas tomadas de decisão relacionadas à saúde pública e a um processo de descrença e ataques às instituições promotoras ou disseminadoras de conhecimento. Esses discursos, prosseguem os autores, relacionam-se com o chamado populismo relacionado à ciência, segundo Mede e Schäfer (2020) (ARAUJO; OLIVEIRA, 2020).

Mede e Schäfer (2020) entendem o populismo relacionado à ciência como um conjunto de ideias que sugere um antagonismo entre uma pessoa comum supostamente virtuosa e uma elite acadêmica supostamente não virtuosa — um antagonismo que se deve à elite que reivindica ilegitimamente e ao povo que exige legitimamente a soberania de tomada de decisão relacionada à ciência e a soberania de falar a verdade.

Os autores propõem que o conceito adota a estrutura fundamental do populismo, seus principais protagonistas e suas relações fundamentalmente antagônicas dos estudos sobre o populismo político. Dos estudos sobre a “virada participativa”, toma emprestado a compreensão de que as demandas participativas existem além da política, e abordam as lógicas centrais dos campos em que emergem. E a partir de estudos sobre epistemologias alternativas, adota uma imagem detalhada de como tais demandas podem desafiar a lógica central da ciência, sua epistemologia. O populismo relacionado à ciência opõe às pessoas comuns, virtuosas, leigas às elites científicas, às quais o populismo relacionado à ciência se concentra, retratando-as como antagonistas das pessoas comuns. Essas “elites acadêmicas” são um subconjunto de uma elite geral — aqueles que têm autoridade epistêmica e podem tomar decisões relacionadas à ciência, ou seja, organizações como universidades ou institutos de pesquisa, bem como estudiosos e cientistas especialistas (MEDE; SCHAFER, 2020).

Semelhante ao populismo político, esse antagonismo é visto como um conflito entre um lado bom moralmente superior (o povo) e um lado ruim moralmente inferior (a elite acadêmica). Ao contrário do populismo político, no entanto, o populismo relacionado à ciência se concentra na lógica central da ciência e na autoridade epistêmica (MEDE; SCHAFER, 2020). Semelhante a isso, ocorreu durante as discussões que opunham o

“tratamento precoce” a não existência de medicamentos comprovadamente eficazes contra a covid-19, ideia defendida por maior parte da comunidade científica. A isso, agravou-se a existência de atores, como médicos de destaque nas mídias, que defendiam o uso do “tratamento precoce” nos pacientes infectados com o Sars-Cov-2. Tornou-se, assim, a discussão do “tratamento precoce” não uma discussão entre o reconhecido e o não reconhecido, mas uma disputa científica entre aqueles que apoiavam ou não o “tratamento precoce”.

O populismo relacionado à ciência deriva à normalidade das pessoas de sua suposta confiança no senso comum, na experiência cotidiana ou até na intuição. Sugere que o senso comum, ao refletir sobre verdades incontestáveis aparentemente compartilhadas entre pessoas comuns, funciona como um denominador comum dessas pessoas e, assim, reforça sua homogeneidade. Essa homogeneidade das pessoas comuns pode eventualmente emergir de valores, interesses e emoções aparentemente compartilhados que dão forma às epistemologias do senso comum. O populismo relacionado à ciência atribui a virtuosidade ao senso comum e, portanto, às próprias pessoas (MEDE; SCHAFER, 2020).

O populismo relacionado à ciência trata-se, com isso, de uma reivindicação, por parte do povo, de autoridade, do direito de dizer os enunciados considerados verdadeiros circulantes em uma sociedade. Isso fica evidente nesta pesquisa ao identificar-se o quanto o argumento científico, de “autoridade” foi reivindicado pelos agentes participantes da rede. Pode-se dizer, com isso, que reivindicaram a própria ciência para si, o fazer científico e a própria autoridade científica. Reivindicaram, acima de tudo, o direito de estarem certos e de dizer a “verdade”.

Conforme Foucault (1979), por “verdade” entende-se um conjunto de procedimentos ligados a sistemas de poder, que produzem e apoiam, e a efeitos de poder ela induz e que a reproduzem. “Regime” da verdade (FOUCAULT, 1979, p.54).

Sobre a relação entre o “Regime” da verdade e a ciência, Foucault diz que o problema político essencial para o intelectual não está na crítica dos conteúdos ideológicos que estariam ligados à ciência ou fazer com que sua prática científica seja acompanhada por uma ideologia justa. Está em saber que é preciso construir uma nova política da verdade. O problema não é mudar a “consciência” das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade. Com isso, não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder, até porque a própria verdade é poder, mas desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento. Assim, o erro está na própria verdade.

Esses enunciados devem ser considerados críveis porque são oriundos de uma comprovação pela experiência pessoal ou de terceiros que formam, assim, a homogeneidade citada por Mede e Schäfer (2020). Essa homogeneidade é composta por um conjunto de valores em comum destas pessoas virtuosas — sejam elas aquelas que acreditam no “tratamento precoce”, formando uma homogeneidade, ou aquelas que não acreditam no “tratamento precoce”, formando outra homogeneidade.

Como suas respostas diferenciadas costumam ser limitadas e condicionais, o populismo relacionado à ciência os retrata como incapazes de fornecer soluções simples e práticas que as pessoas comuns exigem; por aplicarem procedimentos metodológicos aparentemente artificiais, como experimentos, são acusados de desconsiderar experiências autênticas da vida cotidiana; e por causa de sua obrigação com a incerteza científica, eles são acusados de minar a previsibilidade de uma vida ordenada. (MEDE; SCHAFER, 2020, p. 481 (tradução nossa)<sup>4</sup>

No caso, as pessoas favoráveis ao “tratamento precoce” acreditam na confiança no senso comum e na experiência cotidiana — se muitas pessoas provaram e funcionou, o tratamento é eficaz, se alguém que conhece ou mesmo a própria pessoa utilizou como profilaxia e não adoeceu, é a melhor estratégia contra o vírus. Ou, ainda, na intuição — se um medicamento ou ação cura outras condições de saúde, pode curar, também, a covid-19.

Nesta homogeneidade envolvem-se, também, relações de confiança, que associam homogeneidade política e “científica”. Neste sentido, as relações de confiança se estabelecem a partir dos apoios políticos — confia-se em quem é do mesmo espectro político — e influenciam na visão “científica” que se adotará — se é defendido por certo grupo político ao qual se simpatiza, também defende este tipo de tratamento e medida, se não é, ataca-se. Tudo isso, a partir do estopim das relações de confiança: confiança política, confiança científica e confiança pessoal envolvem-se dentro do debate, favorecendo certas decisões e defesas dos usuários.

Paiva e Sacramento (2020) falam sobre os mecanismos de confiança, que não existem somente por meio de sistemas abstratos ou peritos, mas também se concretizam nos meios, códigos e procedimentos que existem justamente para regrar o comportamento de classes,

---

<sup>4</sup> No original “*Because their differentiated answers are often hedged and conditional, science-related populism pictures them as incapable of providing simple, hands-on solutions that ordinary people demand; because they apply seemingly artificial methodological procedures such as experiments, they are blamed for disregarding authentic daily-life experiences; and because of their obligation to scientific uncertainty, they are accused of undermining the predictability of an orderly life*”. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epdf/10.1177/0963662520924259>. Acesso em: 30 nov. 2022.

diminuir a desconfiança, promover a confiabilidade e o controle (interno) entre os pares. Entretanto, ainda assim precisam de compromissos com rostos, pois tais vinculações podem gerar confiabilidade contínua, e essa reintegração, esse reencaixe, tem especial importância nas ligações dilatadas pelo tempo-espço, característica da própria contemporaneidade. Essas relações de confiança podem se estabelecer não só no mundo off-line — pela experiência de pessoas conhecidas em relação ao tratamento — como também no mundo on-line — pelo apoio a quem diz ter se beneficiado pelo tratamento.

Nesse sentido, a confiança em sistemas vai assumindo a forma de compromisso sem rosto, na fé em seu funcionamento, porque o usuário, na maioria das vezes, é completamente leigo a respeito disso — sabe-se desprovido de conhecimento técnico e se sente impotente. O contato com o rosto reaparece para reforçar os vínculos, pois é nas expressões faciais e corporais que se buscam indicadores de integridade e aspectos subjetivos para formar a opinião sobre o que está sendo oferecido. Então, o reencaixe seria assumir compromissos sem rostos somente para, mais à frente, ter a presença de um rosto, subvertendo a ordem moderna. Parece-nos que isso tem sido um elemento fundamental na crise de confiança nas instituições. (PAIVA; SACRAMENTO, 2020, p.86)

Assim, as relações de confiança dão-se de uma forma dupla: ao mesmo tempo pode-se confiar nas relações sem rosto, mediadas pelo computador, também pode-se, e é preciso, confiar nas relações com rostos, com conhecidos, na comprovação da experiência daqueles cujo rosto conhece-se — seja um ator político ou médico cujo rosto conhece-se confia, um parente ou até si mesmo. Neste cenário, a adesão ao “tratamento precoce” dá-se mediada pelas relações de confiança, tanto on quanto off-line, que envolvem, no mesmo sistema de crença, adesão a posições científicas e políticas.

Os autores salientam que as questões das *fake news* e da pós-verdade parecem estruturadas, na verdade, por uma mudança das relações entre crença e convicção. Eles explicam que o ato de crer, o crer, e o objeto da crença, o crido, esvaem as fronteiras entre crença e verdade. Nessa fronteira a opinião, o acreditar que, desempenha uma relação intensa com o acreditar em, próprio da convicção, o que envolve o sujeito em um compromisso com um sistema de símbolos que explicam o mundo e que dá a ele segurança ontológica. Por outro lado, convenceu-o e lhe deu certeza e confiança para manejar a própria existência (PAIVA; SACRAMENTO, 2020).

## 5 ESTUDO DOS FENÔMENOS SOCIAIS NO AMBIENTE ON-LINE: ENTRE A ANÁLISE DE CONTEÚDO E A ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

Neste trabalho, escolheu-se lidar com duas metodologias distintas, com o objetivo de melhor adaptá-las às diferentes demandas que esta pesquisa impôs. A primeira delas, é a Análise de Conteúdo (AC), que foi usada nas análises de nível um e dois. A segunda delas, é a Análise de Redes Sociais, aplicada para compreender como se deram as relações entre os usuários da rede.

### 5.1. Análise de Conteúdo

Neste trabalho foi utilizada a metodologia na Análise de Conteúdo (AC), baseada na obra de Laurence Bardin (1977). A autora explica que a AC teve o começo do seu desenvolvimento no início do século XX, nos Estados Unidos, marcado pelo rigor e cientificismo buscados com a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da Comunicação. Mas a autora faz uma ressalva. “Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (BARDIN, 1977, p. 31).

A autora argumenta ainda que o analista realiza, após o tratamento das mensagens que têm como objeto, a inferência sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio.

A metodologia funciona em três fases, sendo a primeira delas a pré-análise, período de intuições que tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, para conduzir a um esquema preciso de operações sucessivas, num plano de análise. Ocorre a escolha dos documentos que serão analisados, formulação de hipóteses e objetivos, além da elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final. É quando se estabelece a leitura “flutuante” — primeiras impressões sobre o material e formulação de hipóteses e teorias que surgem —, a escolha dos documentos e possível constituição do *corpus* da pesquisa — conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos a análise.

A segunda fase, de exploração do material, é etapa de administração das decisões tomadas, de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas. A terceira e última fase, de tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, é quando os resultados brutos são tratados de maneira a serem falantes e válidos. A fase permite estabelecer quadros de resultados, figuras e modelos que condensam e destacam as informações fornecidas pela análise. A partir dos resultados significativos e fiéis,

pode-se, então, propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou que digam respeito a descobertas inesperadas.

Na pré-análise foram definidas as *hashtags* de interesse na pesquisa, a partir daquelas que potencialmente reuniriam mais publicações sobre o debate do “tratamento precoce” no Twitter, objetivo desta pesquisa. A partir disso, foi feita uma leitura flutuante das postagens reunidas nas *hashtags* de interesse na rede social Twitter, formulando-se a hipótese de forte politização nas discussões sobre o chamado “tratamento precoce”, tanto naquelas *hashtags* que tinham como tema apoio, reprovação ou neutralidade ao “tratamento”.

A hipótese estabelecida era de que as relações políticas, a partir do cenário de polarização política, tornaram-se relações de confiança, responsáveis por estabelecer apoio ou reprovação ao “tratamento precoce”. No caso dos posicionamentos a favor do tratamento da doença com as vacinas, com o distanciamento social e uso de máscaras. em que estava fortemente presente o discurso científico, através de referências a pesquisas, artigos científicos e opiniões médicas, isso ocorria de forma a agregar valor à imagem do ator envolvido na discussão. Quando ausentes os argumentos científicos, no entanto, se encontrariam presentes os discursos em torno da experiência com o uso ou não uso desses medicamentos como argumento de avaliação de sua eficácia.

Também foi identificado a presença de outras temáticas recorrentes nas publicações, que levaram ao estabelecimento das categorias descritas a seguir e formulados os dois níveis de análise, assim como os indicadores de cada uma das categorias. Também foi feita a coleta dos materiais, que foram colocadas em planilhas e codificadas.

Na fase de exploração do material, foi feita a codificação e enumeração da frequência de cada uma das categorias presentes na amostra. Na fase de tratamento dos resultados, inferência e interpretação, foram estabelecidas tabelas e grafos para a exibição dos resultados. A partir da exibição dos resultados foram estabelecidas inferências e interpretações.

O *corpus* da pesquisa foi definido com publicações do Twitter (tomadas como unidades de análise) tendo como critério a presença, nelas, das seguintes *hashtags*:

- #TratamentoPrecoceNãoExiste – 216 postagens;
- #TratamentoPRECOCESalvaVidas – 574 posts;
- #TratamentoPrecoce – 650 postagens;
- #TratamentoPrecoceNAOFunciona – 24 posts.

Ao todo, neste trabalho, foram coletadas 1.464 postagens, publicadas durante o período de março de 2020 a junho de 2021<sup>5</sup>. Depois de uma leitura flutuante das publicações e da posterior identificação das temáticas recorrentes nas postagens, elas foram elencadas em duas etapas. Na primeira, chamada de Nível 1 da Análise, os *tweets* foram tratados a partir da seguinte categorização: conteúdo predominantemente de apoio, neutralidade ou reprovação ao “tratamento precoce”. Como foram encontradas publicações com manifestações totalmente dissociadas da temática central das quatro *hashtags*, elas foram consideradas como “Não categorizável/Outros”.

Em um segundo nível de categorização, um olhar mais atento foi aplicado aos *tweets*, de modo a considerar a temática predominante na publicação.

**Quadro 1: Nível 2 de análise**

Categories	Exemplos
<b>Associação da pandemia a atores políticos</b>	Referências à CPI da covid-19; medidas adotadas por atores políticos na pandemia; adesão ou não adesão ao “tratamento precoce”; referências a países; instituições; ou organismos internacionais e associação a alas políticas.
<b>Referência a medidas restritivas sanitárias/prevenção</b>	Defesa ou ataques ao isolamento social, ao uso de máscaras e outras medidas restritivas defendidas/aplicadas por atores políticos.
<b>Teor conspiratório</b>	Argumentos de que haveria algo a ser desvelado, como, por exemplo, uma tentativa de “amedrontar” a população ou de que o povo seria “cobaia” das vacinas.
<b>Referência à comprovação pela ciência</b>	Acionamento de exemplos a partir da experiência de cidades e Estados em relação ao tratamento precoce; estudos/pesquisas; discursos de médicos ou de cientistas.
<b>Referência a comprovação por experiência pessoal/terceiros</b>	Exemplos pessoais ou de terceiros sobre a não eficácia no uso de um ou mais medicamentos do “tratamento precoce” ou da experiência pessoal no tratamento da covid-19.
<b>Mera defesa ou ataque</b>	Mera defesa ou mera crítica ao “tratamento precoce”, sem lançar mão de outras temáticas nessa argumentação ou mero ataque aos defensores do tratamento precoce ou a quem critica esse “tratamento”.
<b>Referência à vacina</b>	Referências à vacinação (crítica à vacinação; apoio à vacinação); contraposição da imunização ao “tratamento precoce”.

<sup>5</sup> Os tweets foram coletados através da API do Twitter, por meio de um *script* na linguagem Python, desenvolvido pelo estudante de Informática da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Lucas Murakami.

<b>Apelo moral</b>	Referências ao dever moral do médico de proteger a saúde dos pacientes; criminalização de condutas dos governantes, especialmente do Executivo.
<b>Liberdade de escolha</b>	Argumento sobre liberdade do indivíduo e do paciente de se automedicar; da autonomia médica; liberdade em não tomar vacina; liberdade em ir contra médicos que promovem o “tratamento precoce”.
<b>Outros</b>	Não compatíveis com as categorias anteriores.

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Foram analisados os textos presentes em cada publicação, além do conteúdo na forma de fotos e vídeos. Quando considerados quantitativamente, os *tweets* foram contabilizados de acordo com o número de publicações classificadas em cada categoria; e qualitativamente, foi analisado teor de cada postagem, com o objetivo de avaliar a forma como se expressaram as redes de apoio e reprovação ao uso do chamado “tratamento precoce”. Foram levados em consideração também a maneira como a discussão foi atrelada ao campo político; de que forma e quais discursos foram acionados para defender o uso ou o não uso do “tratamento precoce”; e como os conceitos de “comprovação científica” e de “confiança” foram acionados nesses discursos. Cada unidade foi contabilizada em apenas uma categoria.

A análise focou em categorias temáticas e os índices considerados foram a menção de temas escolhidos a partir da hipótese de que, quanto mais o tema é citado, maior é a sua importância para aquele que o enuncia, em relação ao interesse em torná-lo público.

Bardin (1977) utiliza-se da noção de tema, ou seja, uma afirmação acerca de um assunto — uma frase, ou uma frase composta, um resumo ou uma frase condensada —, a partir da qual se pode ser afetado um amplo grupo de formulações singulares. A autora define ainda o tema como uma unidade de significação que “se libera naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 1977, p. 105).

A autora complementa explicando que fazer uma análise temática é descobrir os “núcleos de sentido” que compõem a Comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. E prossegue dizendo que o tema corresponde a uma regra de recorte do sentido e não da forma, enquanto unidade de registro, e que o recorte depende do nível de análise e não de manifestações formais reguladas. Com isso, Bardin (1977) defende que, da mesma forma que não há definição de unidade linguística, não pode existir uma definição de análise temática. A autora explica que o tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar as



motivações de opiniões, atitudes, valores, crenças, tendências e etc. Entre os exemplos que podem ser analisados tendo o tema como base, expostos pela autora, estão as Comunicações de massa.

Sobre as regras de enumeração, Bardin (1977) estabelece uma distinção entre as unidades de registro (o que se conta) e a regra da enumeração (a forma como se conta). Ela exemplifica com um texto em que a identificação e o recorte fornecem elementos ou unidades de registro. E considera a lista de referência estabelecida a partir de um conjunto de textos, ou segundo uma norma, em que se pode utilizar diversos tipos de enumeração, entre elas a presença ou a ausência de elementos; a frequência de aparição (que corresponde ao postulado de que a importância de uma unidade de registro aumenta com a frequência de sua aparição), válida em alguns casos e em outros não; a frequência ponderada; a intensidade (fundamental na análise de valores e atitudes); a direção, de caráter qualitativo ou quantitativo, e que pode ter diversos polos; a ordem e a co-ocorrência.

A autora ressalta que a escolha de uma ou mais regras de enumeração se baseia em uma hipótese de correspondência entre a presença, a frequência, a intensidade, a distribuição, a associação da manifestação, tanto da linguagem quanto de variáveis inferidas, não linguísticas. É importante que se procure a correspondência mais adequada. Ela completa explicando que uma variável de inferência pode manifestar-se, por vezes, de diferentes maneiras. É possível atingi-la através de índices diferentes ou complementares.

Bardin (1977) argumenta que a AC é utilizada como um instrumento de diagnóstico, de forma a que possa levar a cabo inferências específicas ou interpretações causais sobre um dado aspecto da orientação comportamental do locutor. A autora ressalta que o seu procedimento não é obrigatoriamente quantitativo — como se admitia até então. A abordagem quantitativa baseia-se na chamada frequência de aparição de certos elementos na mensagem, enquanto a não quantitativa utiliza indicadores não frequenciais que podem permitir inferências. Ela exemplifica falando do que a presença ou ausência podem formar um índice tanto ou até mais interessante do que a frequência de aparição (que é de natureza quantitativa).

Ambas as abordagens têm campos de ação distintos. A abordagem quantitativa, que obtém dados descritivos por meio de um método estatístico, é uma análise mais objetiva, fiel e exata, vista que é mais bem controlada. A autora pontua que, por ser mais rígida, é mais útil na fase das hipóteses.

O campo de ação da abordagem qualitativa corresponde a um procedimento de análise mais intuitivo, maleável e adaptável a índices não previstos ou à evolução das hipóteses. Deve

ser usada na fase de lançamento de hipóteses, por mostrar a relação entre um índice da mensagem e variáveis do locutor ou da situação de comunicação. Pode ser utilizada para *corpus* mais reduzidos e estabelecer categorias determinantes. Também levanta problemas ao nível de pertinência dos índices retidos, também fica exterior ao contexto. Outra característica da qualitativa é que é válida para a elaboração de deduções específicas sobre um acontecimento variável de inferência precisa, não em geral.

## 5.2. Análise de Redes Sociais

À parte do *corpus* coletado foi aplicada a metodologia da Análise de Redes Sociais (ARS). Recuero (2017) esclarece que esta abordagem de pesquisa tem se popularizado especialmente entre os pesquisadores do campo da Comunicação. A ARS passou a receber mais atenção a partir da disponibilidade cada vez maior de dados de interações sociais nas ferramentas de mídia social. Sua aplicação tem se dado através de softwares que propiciam a análise e visualização, na forma de grafos, das relações entre os atores que compõem uma rede social on-line.

Esta abordagem tem seus pilares na Sociometria e na Teoria dos Grafos, de viés matemático, para analisar as relações sociais. Parte-se, nos estudos das estruturas sociais, da ideia de que os atores sociais estão inseridos em estruturas complexas de relações com outros atores. Essas estruturas têm papel fundamental no comportamento e na visão de mundo dos indivíduos, mais do que outras categorias muitas vezes tomadas como mais importantes (RECUERO, 2017).

A abordagem, destaca Recuero (2017), é interessante, por exemplo, para analisar comportamentos de grande quantidade de atores sobre um evento ou tópico, assim como a influência desses atores nos processos de Comunicação sobre determinado tema.

Entre os principais conceitos para que se compreenda a ARS está o de redes sociais on-line. Segundo a autora, essa ideia é uma metáfora estrutural para que se observem grupos de indivíduos, compreendendo os atores e suas relações. Logo, observam-se os atores e suas interações, que irão constituir relações e laços que originam o “tecido” dos grupos. Essas interações proporcionam aos atores posições no grupo social, que podem ser mais ou menos vantajosas e lhes dar acesso a valores diferentes.

Recuero explica que a ARS trabalha com a representação dos grupos com sociogramas (grafos sociais), que são analisados a partir das medidas de suas propriedades estruturais. Os laços ou relações sociais formam as conexões entre nós, que são os atores sociais. A depender

do objeto estudado, com isso, as conexões podem ser observadas como interações, relações informais ou laços sociais mais estruturados.

Um grafo, prossegue a autora, é um conjunto de nós e suas conexões — também chamadas de arcos ou arestas. O grafo é, com isso, uma representação de dois conjuntos de variáveis: nós e conexões. Quando se pensa em uma rede social como uma dessas representações, os nós seriam os atores sociais — organizações sociais, grupos ou indivíduos no conjunto analisado, a depender do que o pesquisador está trabalhando — e suas conexões — elementos que serão considerados parte da estrutura social, como interações e conversações. Já a representação dos dados para a formação da rede, na teoria dos grafos, dá-se por meio de matrizes, em que são estipuladas as relações entre os atores do grupo analisado.

Nomeamos como *clusters* os grupos mais conectados do que o resto da rede. Tratam-se de nós mais conectados em um espaço mais denso. Estruturalmente, são mais próximos porque interagem mais e suas arestas têm um peso maior ou porque possuem mais conexões entre si do que os demais nós da rede. Também chamados de comunidades, em termos sociológicos, sua estrutura demonstra nós mais conectados na rede e, com isso, maior número de interações. Portanto, laços mais fortes estariam mais presentes nesses grupos do que entre os demais, com características mais próximas das definições de comunidade. *Clusters* associam-se ao fechamento da rede e, por isso, opostos aos buracos estruturais. Fechamento da rede é a qualidade associada a todos os nós de uma determinada rede estarem interconectados. Quanto mais fechada é a rede, mais indica que todos os atores ali estão conectados compartilham de conexões, portanto, tendem a compreender grupos mais fechados dentro de uma rede social.

Em geral, pertencem à mesma categoria. As redes sociais são compostas, também, por conexões (que aqui também chamamos de arestas). Essas conexões indicam, em geral, algum tipo de relação entre diferentes nós, como interações, conversas, relações de amizade e pertencimento. Na ARS, as conexões são representadas por números ou direções, indicando o valor que é relacionado ao “peso” da conexão, que pode dar pistas sobre o tipo de conexão entre os nós da rede. Assim, as conexões mais fracas (com valor menor) ou mais fortes (com valor maior) podem trazer indícios do tipo de laço social que existe entre um determinado par de atores.

## 6 DE UM POLO AO OUTRO: A PANDEMIA A PARTIR DAS DISPUTAS DE SENTIDO NO TWITTER #TRATAMENTOPRECOCESALVAVIDAS OU #TRATAMENTOPRECOCENÃOEXISTE? ANÁLISE DAS DISCUSSÕES NO TWITTER

Nesta pesquisa foram feitos dois níveis de análises, a fim de compreender de que forma se expressam os discursos nas redes e como se dão as interações entre os usuários. Para isso, foram utilizadas as metodologias da Análise de Conteúdo (AC) e da Análise de Redes Sociais (ARS), respectivamente.

### 6.1 Análise de Conteúdo

Para a constituição do *corpus* desta pesquisa, foram excluídas postagens que, por algum motivo, estivessem fora do ar — usuários que tornaram suas contas privadas e publicações ou contas banidas da rede. Após essa exclusão, restaram 1.464 postagens. As quatro *hashtags* escolhidas demonstram a polarização a que a covid-19 esteve submetida, objeto de disputas não apenas no campo médico/sanitário mas, na verdade, apropriado como mais um tema para o reforço das disputas políticas que têm marcado o país pelo menos nos últimos quatro anos.

Quando considerado o *corpus* no nível 1 da análise, foram obtidos os seguintes resultados:

**Quadro 2: Frequência de *tweets* por categoria (nível 1) e *hashtag***

<b>Categorias</b>	<b>#TratamentoPRECOCESalva Vidas</b>	<b>#TratamentoPrecoceNãoExiste</b>	<b>#TratamentoPrecoceNAOFunciona</b>	<b>#TratamentoPrecoce</b>
Apoio ao tratamento precoce	98,43%	0,93%	0,00%	62,62%
Neutralidade	0,00%	0,00%	0,00%	10,31%
Reprovação ao tratamento precoce	0,17%	98,61%	79,17%	19,08%
Não categorizável/ Outros	1,39%	0,46%	20,83%	8,00%

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

Os percentuais exibidos no Quadro 2 evidenciam como as *hashtags* foram usadas como marcadores da posição que os usuários adotaram em relação ao tratamento da covid-19 através do uso de medicamentos como cloroquina, hidroxicloroquina, entre outros, defendidos principalmente pelo então presidente da República Jair Bolsonaro. Os posicionamentos são favoráveis ou desfavoráveis.

Os números relativos a cada *hashtag* demonstram a formação de densas redes de mesmas opiniões, reforçando nos grupos associados a cada um dos pontos de vista a ideia de bolha (PARISER, 2012). Esses primeiros resultados demonstram uma concentração de opiniões semelhantes em cada um desses grupos, resultando em uma forte polarização de opiniões em torno do debate sobre o “tratamento precoce”. Na Figura 2, são apresentados dois exemplos de *posts* com *hashtags* que são usadas como forma de manifestar posicionamentos contrários dos usuários em relação ao “tratamento precoce”.

**Figura 1: Exemplo de análise de nível 1**



Fonte: Elaborado pela autora a partir de conteúdo do Twitter, 2022<sup>6</sup>

Na análise de nível 2, foram obtidos os seguintes resultados:

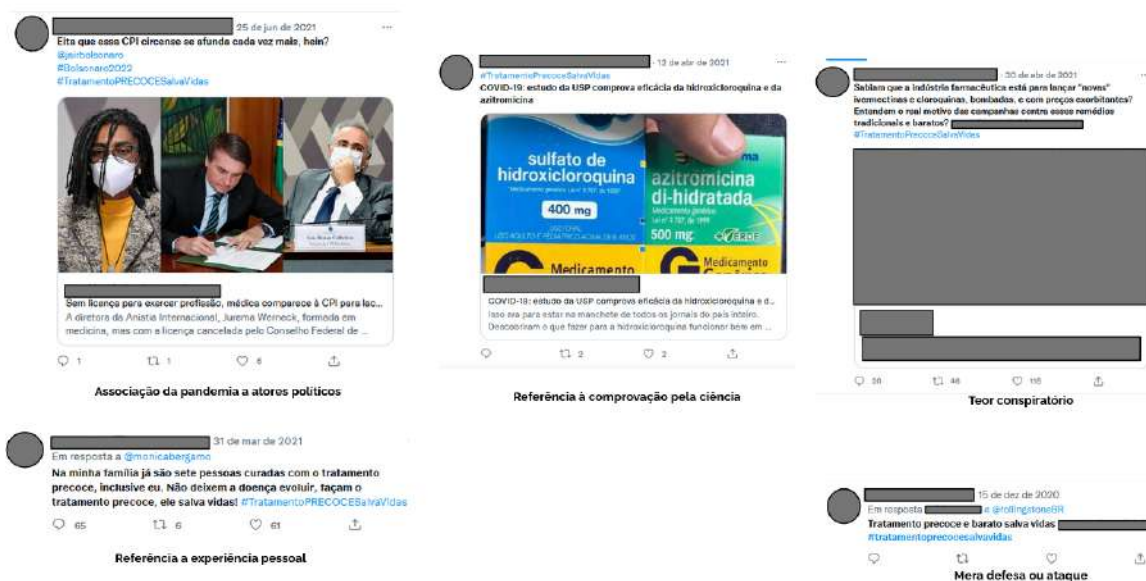
<sup>6</sup> Disponível em: [https://twitter.com/Teodoro\\_Alvaro/status/1386669939143159809](https://twitter.com/Teodoro_Alvaro/status/1386669939143159809); <https://twitter.com/FerrariShFran/status/1405968144804597760>. Acesso em 18 dez. 2022.

**Quadro 3: Frequência de *tweets* por categoria (Nível 2) e *hashtag***

<b>Categorias</b>	<b>#TratamentoP RECOCESalva Vidas</b>	<b>#TratamentoPr ecoceNãoExiste</b>	<b>#TratamentoPr ecoceNAOFunc iona</b>	<b>#TratamentoPr ecoce</b>
Associação da pandemia a atores políticos	24,91%	31,48%	20,83%	31,08%
Referência a medidas restritivas sanitárias/preven ção	2,44%	3,70%	4,17%	2,62%
Teor conspiratório	4,36%	0,00%	0,00%	1,85%
Referência à comprovação pela ciência	19,86%	13,89%	16,67%	16,92%
Referência à comprovação por experiência pessoal/terceiros	11,67%	7,87%	8,33%	6,00%
Mera defesa ou ataque	16,20%	17,59%	25,00%	18,92%
Outros	10,10%	7,87%	20,83%	14,77%
Referência à vacina	3,48%	7,87%	0,00%	4,46%
Apelo moral	6,10%	9,72%	4,17%	2,92%
Liberdade de escolha	0,87%	0,00%	0,00%	0,46%

Fonte: Elaborado pela autora a partir de conteúdo do Twitter, 2022

**Figura 2: Categorias de análise - Nível 2 - Exemplos -  
#TratamentoPRECOCESalvaVidas**



Fonte: Elaborado pela autora a partir de conteúdo do Twitter<sup>7</sup>

Na #TratamentoPRECOCESalvaVidas a categoria “Associação da pandemia a atores políticos” reuniu postagens que defendiam as ações do governo federal, especialmente do então presidente Jair Bolsonaro, além de outros atores políticos ou instituições que apoiaram o “tratamento precoce”. No exemplo (figura 2), a publicação ironiza a CPI da pandemia como uma “CPI circense”, a partir de uma notícia que narra que a diretora da Anistia Internacional é médica, mas não tem licença para exercer a profissão. Ao segundo exemplo (figura 2), de “Referência à comprovação pela ciência”, foram adicionadas postagens com exemplos como estudos que apontavam para a eficácia do tratamento, das experiências de cidades brasileiras que aplicaram o tratamento precoce, assim como médicos e cientistas que defendem esse uso. No exemplo acima (figura 2), um trabalho da respeitada Universidade de São Paulo (USP) apontaria para a eficácia da hidroxiquina e da azitromicina, o que seria validação para seu uso contra a covid-19. Na categoria “Teor conspiratório”, foram elencados tweets que faziam referência a planos com objetivos escusos ou a verdades que mereciam ser reveladas. No exemplo acima, o usuário cita a indústria farmacêutica (figura 2), que estaria para lançar “novas cloroquinas” e “ivermectinas” mais “bombadas”, com preços mais caros,

<sup>7</sup> Disponível em: <https://twitter.com/user/status/1408475827881271309>; <https://twitter.com/user/status/1381719427754962951>; <https://twitter.com/user/status/1388258116270235650>; <https://twitter.com/user/status/1377325879672594437>; <https://twitter.com/user/status/1338837120715284483>. Acesso em 18 dez. 2022.

apontando para interesses econômicos no não reconhecimento desses medicamentos para o tratamento da doença.

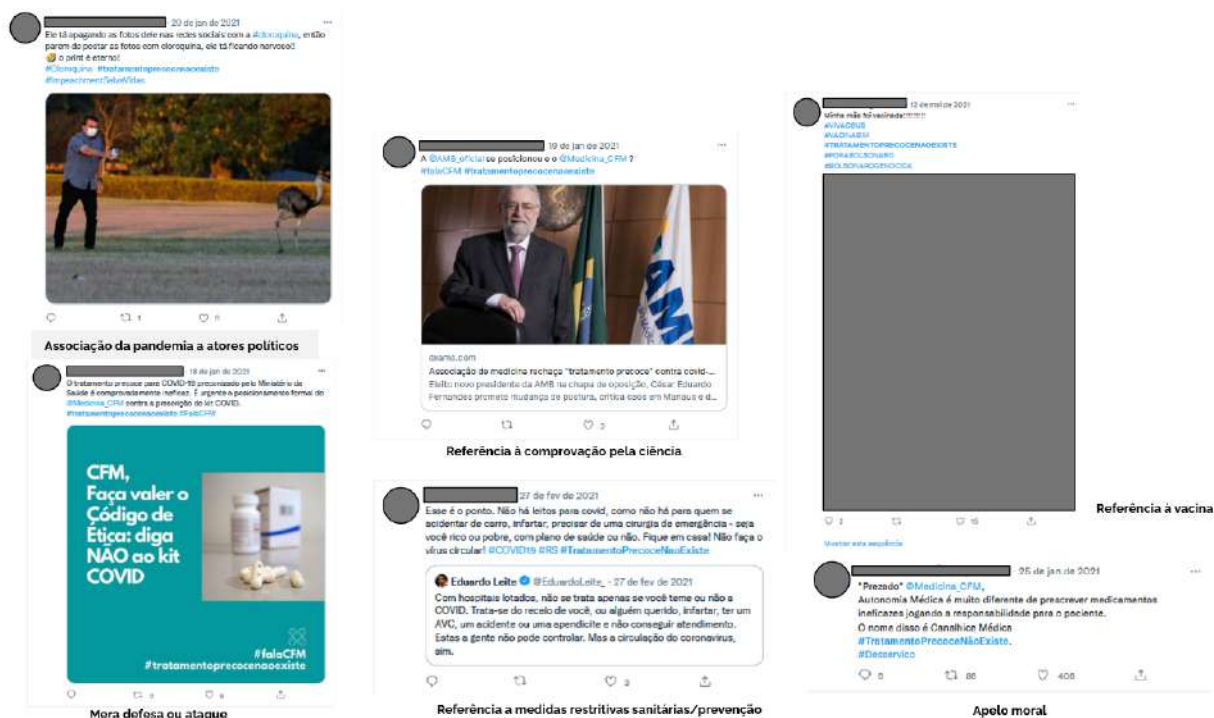
Na categoria “Referência a experiência pessoal ou de terceiros” entraram publicações que narraram a experiência dos usuários ou de seus conhecidos com o uso dos medicamentos do “tratamento precoce”. No exemplo (figura 2), o usuário narra que em sua família sete pessoas já usaram do “tratamento”, inclusive ele, recomenda o tratamento e afirma “ele salva vidas”. Em “Referência à vacina” foram elencados todos os *posts* que faziam crítica à vacinação, colocavam em dúvida a eficácia das vacinas e questionavam a adesão ou à imunização, assim como temas correlatos. No exemplo (figura 2), o usuário cita sua experiência com a vacina, dizendo que não irá tomá-la já que pode se curar com o “tratamento precoce”, que todos já conhecem. Nos *posts* da categoria de “Mera defesa ou ataque” foram elencadas publicações que não fazem referência a outra temática, somente defendem ou criticam o “tratamento precoce”, como no exemplo “tratamento precoce é barato salva vidas” (figura 2).

Na #TratamentoPRECOCESalvaVidas, destaca-se que 24,91% das publicações foram categorizadas como “Associação da pandemia a atores políticos”; seguida de 19,86% como “Referência à comprovação pela ciência”; 16,20% como “Mera defesa ou ataque”. As categorias que menos apareceram foram, “Referência à vacina”, com 3,48%; “Referência a medidas restritivas sanitárias/prevenção”, 2,44%; e apenas 0,87% como “Liberdade de escolha”.

Os resultados relacionados à *hashtag* #TratamentoPRECOCESalvaVidas demonstram predominância da politização da pandemia, através da forte referência a atores políticos, especialmente ao então presidente da República, Jair Bolsonaro (PL). Em seguida, destaca-se a forte argumentação com menção à comprovação pela ciência, com a qual os usuários lançam mão de discursos de autoridade, baseados em artigos ou pesquisas supostamente científicas, ainda que citadas de forma inadequada ou que posteriormente foram desacreditadas. A terceira categoria mais aparente, de mera defesa ou ataque, demonstra o teor de ataque presente nestes discursos que, no caso da *hashtag*, foram muitas vezes compostos meramente por ataques. Já a quarta categoria que se destaca é a de referência por experiência pessoal ou de terceiros, o que mostra o caráter da experiência pessoal como validação da verdade.



**Figura 3: Categorias de análise - Nível 2 - Exemplos - #TratamentoPrecoceNãoExiste**



Fonte: Elaborado pela autora a partir de conteúdo do Twitter<sup>8</sup>

Nesta *hashtag*, na categoria “Associação da pandemia a atores políticos”, as postagens classificadas geralmente fazem críticas a atores políticos que defendem ou aplicam o “tratamento precoce”, com destaque especial a referências ao presidente Jair Bolsonaro (PL). No exemplo (Figura 3), o usuário critica, de forma irônica, o então presidente da República, afirmando que ele estaria apagando as redes sociais seus registros com a cloroquina e afirma “parem de postar as fotos com cloroquina, ele tá ficando nervoso!!!”. Abaixo, vem uma imagem que se popularizou na web, de um animal “fugindo” de Bolsonaro enquanto ele segura um medicamento para o “tratamento precoce”.

Em “Referência à comprovação pela ciência”, foram elencados posts que utilizam de exemplos de experiências em cidades brasileiras que utilizaram do tratamento precoce, de estudos e pesquisas científicas que afirmam que o “tratamento precoce” não funciona. No exemplo acima (Figura 3), o usuário posta uma notícia referente ao posicionamento da Associação Médica Brasileira (AMB), que rechaça o uso do “tratamento precoce”. O usuário também cobra um posicionamento do Conselho Federal de Medicina (CFM). Sobre a

<sup>8</sup> Disponível em: <https://twitter.com/neuziantunes/status/1351867690428870656>; <https://twitter.com/user/status/1351558027871199234>; <https://twitter.com/user/status/1392544307039571968>; <https://twitter.com/user/status/1351254041272209415>; <https://twitter.com/kascouto/status/1365744000133701642>; <https://twitter.com/user/status/1353702330810724355>. Acesso em 18 dez. 2022.

categoria “Referência à vacina” nesta *hashtag*, os usuários defendem a vacinação e eficácia dos imunizantes. No exemplo (figura 3), a usuária comemora que a mãe foi vacinada e faz um registro da imunização.

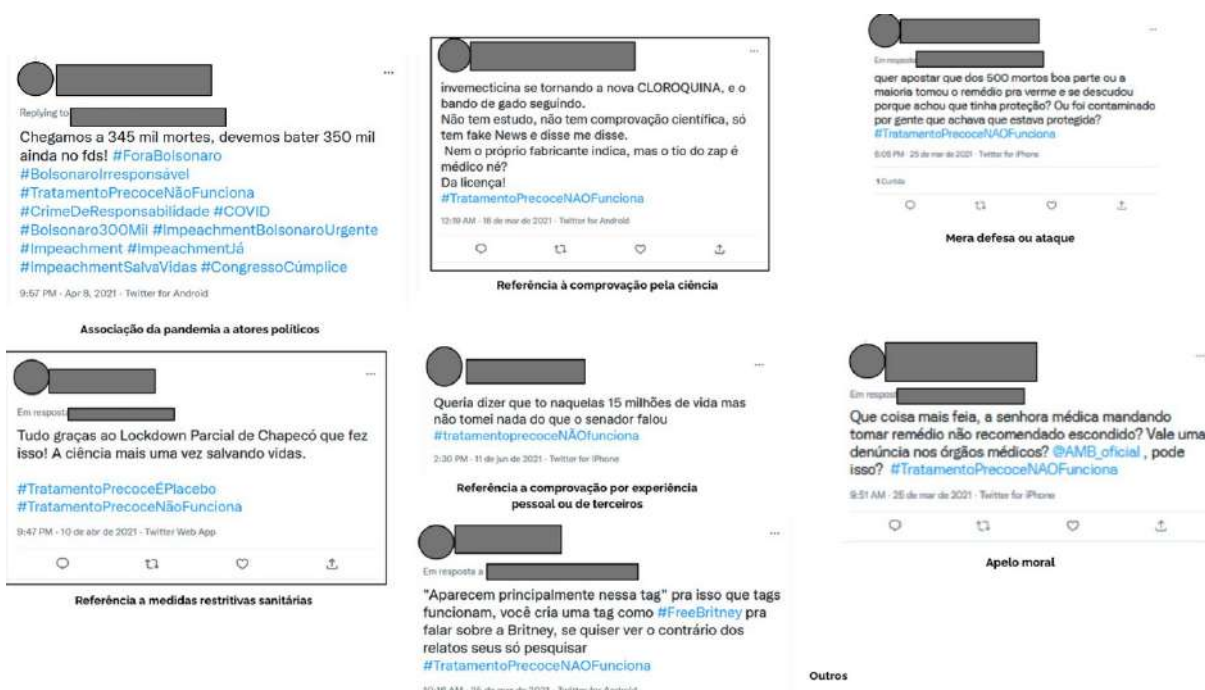
Ator bastante citado na #TratamentoPrecoceNãoExiste, novamente aparece uma referência ao CFM, na categoria de “Mera defesa ou ataque”, cobrando um posicionamento do Conselho. Na postagem o usuário afirma que o “tratamento” é comprovadamente ineficaz (figura 3). Nesta categoria, na *hashtag* #TratamentoPrecoceNãoExiste, foram elencadas posts que criticam o “tratamento precoce”.

Na categoria “Referência a medidas sanitárias ou de prevenção” à covid-19, em que foram elencadas postagens que faziam defesa do uso de máscaras, afastamento social e outras medidas restritivas de contenção ao coronavírus, o usuário recomenda (figura 3) que se “fique em casa”, já que “não há leitos para covid, como não há para quem se acidentar de carro” ou tiver outras emergências de saúde. “Estas a gente não pode controlar. Mas a circulação do coronavírus, sim”. Já na categoria “Apelo moral”, foram adicionados *posts* que fazem crítica à argumentação sobre liberdade individual ou defendem a responsabilidade médica ao prescrever medicamentos ineficazes. O exemplo (figura 3) trata da autonomia médica, que “é muito diferente de prescrever medicamentos ineficazes jogando a responsabilidade para o paciente. O nome disso é Canalhice Médica”, afirma o usuário.

Com a *hashtag* #TratamentoPrecoceNãoExiste, novamente aparece a categoria de associação da pandemia a atores políticos como mais recorrente, o que demonstra, ainda que sob opiniões opostas, um forte caráter de politização dos discursos. Logo depois aparece a categoria “Mera defesa ou ataque”, mais uma vez com demonstrações de agressividade. A comprovação pela ciência foi a categoria seguinte, evidenciando a importância do discurso científico enquanto argumento de autoridade. Nesta *hashtag* destacou-se a presença das categorias de apelo moral e referência à comprovação pessoal ou de terceiros, o que demonstra, respectivamente, a moralização dos discursos enquanto tática para fortalecer posições, além de, novamente, a experiência pessoal ser usada também como argumento de autoridade.

Figura 4: Categorias de análise - Nível 2 - Exemplos -

**#TratamentoPrecoceNAOfunciona**



Fonte: Elaborado pela autora a partir de conteúdo do Twitter<sup>9</sup>

Com a *hashtag* #TratamentoPrecoceNAOfunciona, o destaque, mais uma vez, foi para a politização da pandemia. Destaca-se também que novamente a categoria de referência à comprovação pela ciência aparece entre as quatro categorias mais frequentes, o que demonstra a força deste tipo de argumentação nas discussões sobre o “tratamento precoce”.

Nesta *hashtag*, na categoria “Associação da pandemia a atores políticos” foram elencadas postagens que fazem crítica a atores políticos ou instituições que defendem o “tratamento precoce”. Como no exemplo (figura 4), em que se destaca a crítica ao presidente Jair Bolsonaro — ator político frequentemente citado nestas análises — e também ao Congresso Nacional, acusado de ser “cúmplice” das mortes da pandemia. O usuário afirma “Chegamos a 245 mil mortes, devemos bater 350 mil ainda no fds!”, acompanhado de *hashtags* em crítica ao então presidente e pedindo seu *impeachment*. Em “Referência à comprovação pela ciência”, entraram postagens que fazem referência à existência ou não de comprovada eficácia dos medicamentos, a argumentos de médicos e cientistas, assim como o

<sup>9</sup> Disponível em: <https://twitter.com/user/status/138032392227425280>; <https://twitter.com/user/status/1372387183164801028>; <https://twitter.com/user/status/1375192241564684292>; <https://twitter.com/user/status/1381046333398777857>; <https://twitter.com/user/status/1403404234985545736>; <https://twitter.com/user/status/1375074162964856835>; <https://twitter.com/user/status/1375067882523144192>. Acesso em: 18 dez. 2022

uso de *papers* científicos. No exemplo (figura 4), o usuário critica o uso de ivermectina, afirmando que não há comprovação para o seu uso. “Não tem estudo, não tem comprovação científica, só tem fake News e disse me disse. Nem o próprio fabricante indica, mas o tio do zap é médico né?”.

Em “Mera defesa ou ataque” foram categorizados *posts* que meramente atacam o tratamento precoce ou quem o defende. Assim como no exemplo (figura 4) em que a usuária chama um dos medicamentos do “tratamento precoce” de “remédio pra verme”. Ela afirma que dos mortos durante a pandemia boa parte usou do medicamento e se descuidou porque achou que tinha proteção ou “foi contaminado por gente que achou que estava protegida”.

Em “Referência a medidas restritivas sanitárias”, entraram *tweets* que defendem o uso de máscara, do distanciamento social e outras restrições para o combate ao espalhamento da covid-19. Como no exemplo (figura 4), “Tudo graças ao Lockdown Parcial de Chapecó que fez isso! A ciência mais uma vez salvando vidas”, seguido da *hashtag* da análise e da *hashtag* “#TratamentoPrecoceÉPlacebo”.

Em “Referência à comprovação por experiência pessoal ou de terceiros” foram elencadas publicações que citam o exemplo pessoal ou de pessoas conhecidas em relação ao não uso do “tratamento precoce”. No exemplo (figura 4), o usuário diz “Querida dizer que to naquelas 15 milhões de vida mas não tomei nada do que o senador falou”, em crítica aos medicamentos.

Em apelo moral, foram categorizadas postagens que fazem referência ao papel do médico de salvar vidas, a sua responsabilidade ou ao papel dos políticos que defendem ou aceitam o uso do “tratamento precoce”. Na postagem, a usuária afirma (figura 4) “Que coisa mais feia, a senhora médica mandando tomar remédio não recomendado escondido? Vale uma denúncia nos órgãos médicos? @AMB\_oficial , pode isso?”, criticando a profissional de saúde que recomenda o tratamento e questionando se a conduta merece uma denúncia.

Em outros, entraram postagens que não se encaixaram em nenhuma das classificações anteriores, como no exemplo que se refere a *tags* em geral.

Figura 5: Categorias de análise - Nível 2 - Exemplos - #TratamentoPrecoce

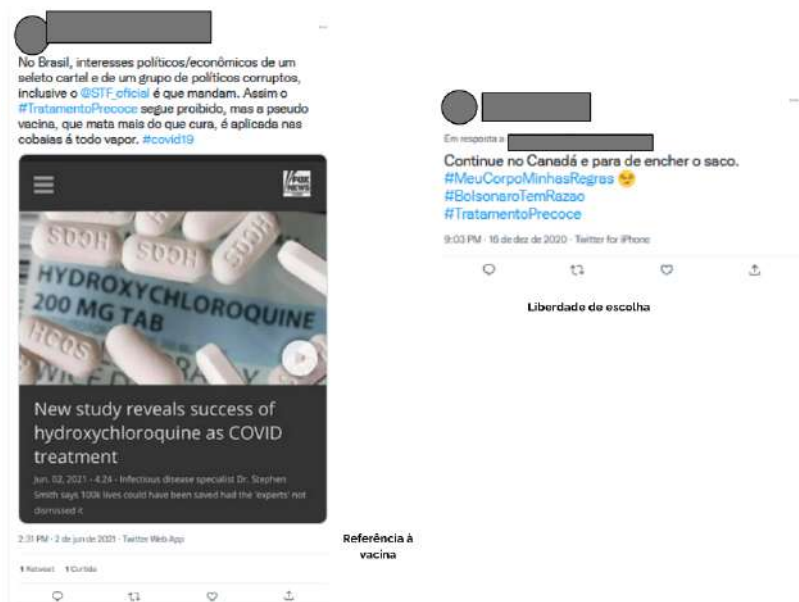
The figure displays several examples of content categorized under the #TratamentoPrecoce hashtag:

- Remédios usados por Trump são eficazes contra a covid-19:** A tweet from gabge.com.br/ notici... dated 9:42 AM - 21 de dez de 2020, mentioning #Destaque, #Casirivimab, #COVID19, #DonaldTrump, #Imdevimab, and #Regeneron.
- Associação da pandemia a atores políticos:** A tweet from gabge.com.br/ notici... dated 5:32 PM - 4 de mar de 2021, stating "Não, não é solução! #TratamentoPrecoce é solução e sem Lockdown!".
- Referência a medidas restritivas sanitárias:** A tweet from gabge.com.br/ notici... dated 3:30 PM - 21 de dez de 2020, mentioning "Não se assustem a gang do PMPA. Plantar o Medo para Idiotizar Pessoas: ataca mais uma vez." and includes a link to an Instagram video.
- Mera defesa ou ataque:** A tweet from gabge.com.br/ notici... dated 11:19 AM - 8 de abr de 2021, asking "Porque essa politização absurda do tratamentO precOce por parte da mídia? Quais são os intere\$\$es envolvidos nisso tudo? Tomar dipirona e deixar sentir falta de ar é o tratamento cientificamente comprovado?".
- Teor conspiratório:** A tweet from gabge.com.br/ notici... dated 9:16 AM - 20 de nov de 2020, asking "O que Porto Feliz tem a ensinar ao Brasil" and mentioning #RevistaOeste, #CassioPrado, #COVID19, #Lockdown, #Pandemia, #PortoFeliz, and #TratamentoPrecoce.
- Referência à comprovação científica:** A tweet from gabge.com.br/ notici... dated 7:54 AM - 15 de dez de 2020, discussing a doctor's refusal to treat a patient with COVID-19.
- Apelo moral:** A tweet from Agência Lupa (@InstitutoLupa) dated 3:39 PM - 20 de jan de 2021, featuring an image of an Ivermectina box and the text "EU TOMEI...".
- Referência a comprovação por experiência pessoal ou de terceiros:** A tweet from Agência Lupa (@InstitutoLupa) dated 3:39 PM - 20 de jan de 2021, advising against self-medication and providing a link to Lupa.News.
- Outros:** A tweet from Agência Lupa (@InstitutoLupa) dated 3:39 PM - 20 de jan de 2021, featuring a blue banner with the text "ACESSE LUPA.NEWS".

Fonte: Elaborado pela autora a partir de conteúdo do Twitter<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Disponível em: - <https://twitter.com/user/status/1344624852603465737>; <https://twitter.com/user/status/1379438627562926082>; <https://twitter.com/user/status/1346511618285441024>; <https://twitter.com/user/status/1367573663235641344>; <https://twitter.com/user/status/1329760580710916098>; <https://twitter.com/user/status/1341088750181466113>; <https://twitter.com/user/status/1338799500907991043>; <https://twitter.com/user/status/1376640420525002764>. Acesso em 18 dez. 2022.

**Figura 6: Categorias de análise - Nível 2 - Exemplos - #TratamentoPrecoce -  
Continuação**



Fonte: Elaborado pela autora a partir de conteúdo do Twitter<sup>11</sup>

Na #TratamentoPrecoce, na categoria “Associação da pandemia a atores políticos”, foram elencadas postagens que fazem referência a atores políticos ou instituições que defendem ou não o “tratamento precoce”. No exemplo (figura 5), o usuário defende que “Remédios usados por Trump são eficazes contra covid-19”. Na categoria “Teor conspiratório” foram elencadas publicações que tratam de uma verdade escondida ou de intenções de atores escusos. No exemplo (figura 5), o usuário insinua que haveria um interesse financeiro da mídia em politizar o “tratamento precoce”.

Na categoria “Referência a experiência pessoal ou de terceiros”, foram elencados *posts* que fazem referência à experiência dos usuários ou de seus conhecidos com o “tratamento precoce”. No exemplo (figura 5), o usuário afirma que está tomando um medicamento do “tratamento precoce” e que não foi acometido pelo “vírus chinês”.

Em “Referência a medidas restritivas sanitárias”, foram colocadas postagens que fazem referência a essas medidas, seja defendendo-as ou criticando-as. No exemplo (figura 5), o usuário afirma que o “tratamento precoce” é a solução, e não o “lockdown”. Em referência à comprovação pela ciência entraram postagens que fazem referência a estudos, cientistas e

<sup>11</sup> Disponível em: [https://twitter.com/Antonio\\_gn/status/1400142972776288256](https://twitter.com/Antonio_gn/status/1400142972776288256); <https://twitter.com/GiovannaVerduin/status/1339360451541557248>. Acesso em 18 dez. 2022.

médicos que defendem o “tratamento precoce”, além das experiências de cidades que utilizaram algum ou mais medicamentos do “kit covid”. No exemplo, o usuário cita (figura 5) a experiência de Porto Feliz, que teria aplicado o medicamento e sido bem-sucedida. Na categoria de mera defesa ou ataque foram elencadas publicações que não lançam mão de outras temáticas em suas argumentações. No exemplo (figura 5), o usuário argumenta sobre uma intenção de plantar o medo e “Idiotizar” as pessoas. Na categoria “Apelo moral”, entraram postagens que fazem referência ao dever médico de salvar vidas e à culpa daqueles que “impedem” o uso do “tratamento precoce”. No exemplo, o usuário defende que o médico que se recusa a oferecer o tratamento precoce a quem estiver com suspeita de covid, “deve ser responsabilizado pelas consequências dessa negligência médica!” (figura 5).

Na categoria “Referência à vacina”, foram colocadas postagens que citam de alguma forma as vacinas, ou as defendendo ou as criticando, assim como a sua eficácia, ou a adesão à vacinação. No post (figura 6), o usuário chama as vacinas de “pseudo vacina que mata mais que cura”, e que “é aplicada nas cobaias á todo vapor”. Ele também publica uma foto, com texto em inglês, de um estudo que revelaria a eficácia da hidroxicloroquina contra a covid-19. Sobre a categoria liberdade de escolha, em que foram categorizadas postagens que defendem o direito às liberdades, especialmente a liberdade individual, o usuário afirma (figura 6) “Continue no Canadá e para de encher o saco”, seguido da *hashtag* “#MeuCorpoMinhasRegras” e um emoji, acompanhado das *hashtags* “#BolsonaroTemRazao” e “#TratamentoPrecoce”.

Na categoria “Outros” (figura 5), foram adicionadas postagens que não foram classificadas em nenhuma das categorias estabelecidas. O exemplo trata-se de uma postagem de uma agência jornalística, que nem apoia ou desaprova o uso desses medicamentos.

A última *hashtag* analisada, #TratamentoPrecoce, aponta para uma forte politização em relação à pandemia, seguida por discursos simplistas, de mera defesa ou ataque a opiniões semelhantes ou distintas das do usuário, seguida de referências à comprovação científica, argumento visto também nas *hashtags* anteriores.

Estes resultados nos apontam algumas questões: em todas as *hashtags*, a categoria a temática mais aparente foi a de associação da pandemia a atores políticos, indicando forte politização do debate em torno do “tratamento precoce”; e a presença marcante de mera defesa ou ataque a opiniões semelhantes ou opostas as do usuário, o que demonstra argumentos empobrecidos, agressividade nas discussões e, mais uma vez, forte polarização política.

Além disso, outras duas temáticas destacam-se. A primeira delas foi o uso do discurso científico para fortalecer a argumentação, utilizando-se do discurso médico, dos artigos científicos, da experiência de outras cidades brasileiras e da autoridade de “cientistas” para defenderem seu ponto de vista. A segunda foi construída a partir da experiência pessoal ou de terceiros com o tratamento precoce como forma de comprovação da eficácia, posta no mesmo patamar das experiências “científicas” como comprovação e validação da eficácia do “tratamento precoce”.

Ao fazer a comparação de ambas estratégias discursivas, identificamos que entre as diferenças marcada pelas análises estão que, com a *hashtag* #TratamentoPrecoceNãoExiste, a referência à comprovação por experiência pessoal ou de terceiros alcançou 11,67% das publicações, em comparação com os 7,87% da *hashtag* #TratamentoPRECOCESalvaVidas. E que a referência à vacina aparece bem mais na *hashtag* #TratamentoPrecoceNãoExiste, em 7,87% dos comentários, no geral, em defesa dos imunizantes; em comparação com os 3,48% de comentários que marcam na *hashtag* #TratamentoPRECOCESalvaVidas.

Enquanto é identificado que não houve registro de publicações com teor conspiratório na coleta realizada na *hashtag* #TratamentoPrecoceNãoExiste, essa mesma categoria foi registrada em 4,36% das publicações coletadas na *hashtag* #TratamentoPRECOCESalvaVidas.

Ao fazer uma comparação entre as *hashtags* #TratamentoPrecoceNAOFunciona e #TratamentoPrecoce, notam-se diferenças nas categorias “referência a medidas restritivas sanitárias/prevenção”, que marca 4,17% na primeira *hashtag*, enquanto apenas 2,62% na segunda; em teor conspiratório, em que a *hashtag* #TratamentoPrecoceNAOFunciona marca 0,00% e a *hashtag* #TratamentoPrecoce marca 1,85%.

Foram identificadas também semelhanças na categoria “referência à comprovação pela ciência”, que marcou 16,67% e 16,92% nas *hashtags* #TratamentoPrecoceNAOFunciona e #TratamentoPrecoce, respectivamente. Ademais, destaca-se que em “referência à vacina”, a *hashtag* #TratamentoPrecoceNAOFunciona marcou 0,00% e a *hashtag* #TratamentoPrecoce marcou 4,46%; assim como na categoria apelo moral, em que a *hashtag* #TratamentoPrecoceNAOFunciona pontuou 4,17%, enquanto na *hashtag* #TratamentoPrecoce marcou 2,92%.

Em comum, percebe-se que em todos os casos a categoria mais presente foi a “Associação da pandemia a atores políticos”.

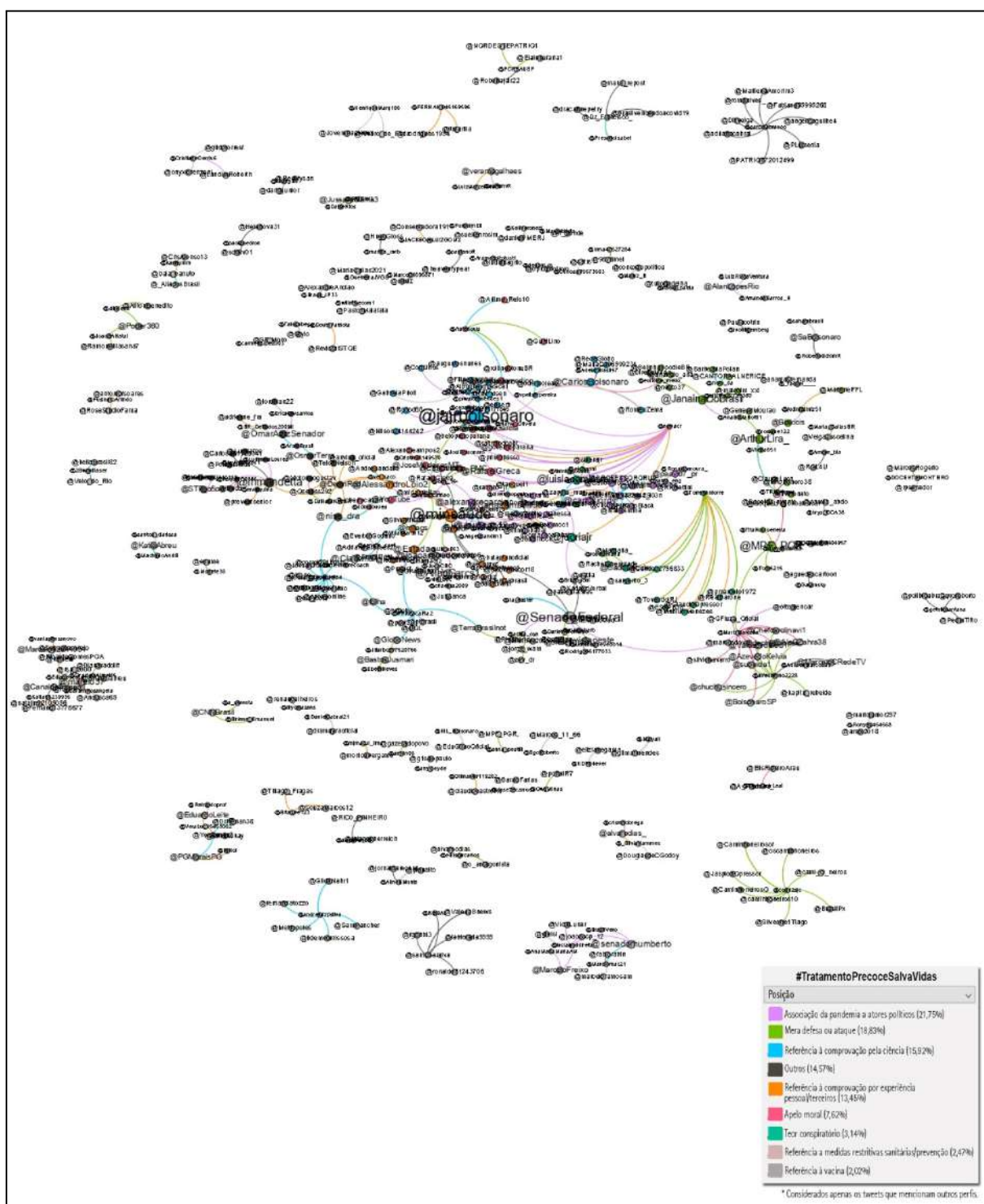
## 6.2. Análise de Redes Sociais



Os grafos foram produzidos a partir apenas dos *posts* com menções a outros perfis, descartando-se os demais. Os grafos desta pesquisa foram gerados a partir da ferramenta Gephi, utilizando seu algoritmo Force Atlas 2. Os nós foram representados em seus tamanhos a partir do Grau de Entrada — perfis mais mencionados — e as arestas foram representadas pelo 2º nível de análise.

Foi analisada, também, a interação dos perfis de usuários encontrados nas *hashtags* #TratamentoPRECOCESalvaVidas e #TratamentoPrecoceNaoExiste, a partir apenas dos *posts* que fazem menções a outros perfis. Os nós foram representados em seus tamanhos a partir do Grau de Entrada (ou seja, dos perfis mais mencionados); e as arestas foram representadas através de suas cores, pelo 2º nível de análise.

Figura 7 – Interações entre usuários - #TratamentoPRECOCESalvaVidas - 2º nível de análise



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Twitter<sup>12</sup>

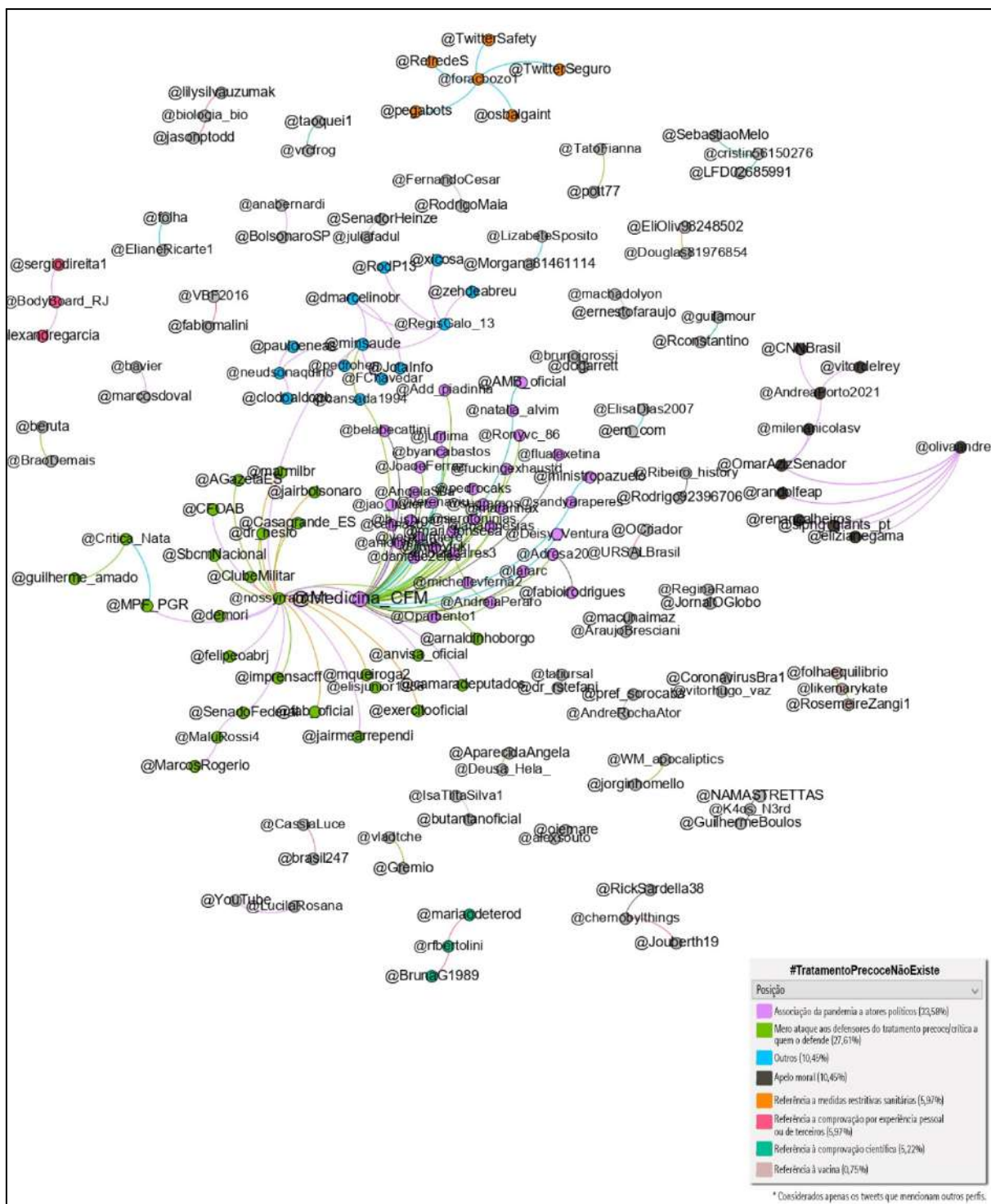
A rede é feita por 87 clusters (comunidades), demonstrados por pequenos grupos isolados que orbitam ao redor das comunidades mais densas. Considerando o Grau de Entrada, alguns perfis destacam-se ao serem mais mencionados, como @jairbolsonaro, @minsaude, @SenadoFederal, @lhmandetta, @MPF\_PGR, @lhmandetta, @RafaelGreca, @AllanGarcs1, @ArthurLira\_, @JanainaDoBrasil e @luislacombereal. Essa presença de perfis de atores políticos já reforça a forte tendência de politização em torno do debate, como já vista anteriormente.

Verifica-se, também, o destaque do grande nó do perfil do presidente Jair Bolsonaro, altamente mencionado. A ele relacionam-se comentários que acionam argumentos que lançam mão de algum tipo de autoridade científica (representados em azul). Também vemos próximo a esse nó outros *clusters*, nos quais predominam comentários referentes a atores políticos (representados pela cor lilás) e também de referência pela experiência pessoal, na cor laranja.

---

<sup>12</sup> Disponível em: [https://twitter.com/search?q=%23TratamentoPRECOCESalvaVidas&src=typed\\_query&f=top](https://twitter.com/search?q=%23TratamentoPRECOCESalvaVidas&src=typed_query&f=top). Acesso em 18 dez. 2022.

Figura 8: Interações entre usuários - #TratamentoPrecoceNãoExiste - 2º nível de análise



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Twitter, 2022<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Disponível em:

[https://twitter.com/search?q=%23TratamentoPrecoceN%C3%A3oExiste&src=typed\\_query&f=top](https://twitter.com/search?q=%23TratamentoPrecoceN%C3%A3oExiste&src=typed_query&f=top). Acesso em 18 dez. 2022.

A rede é composta de 41 clusters (comunidades), demonstrados por pequenos grupos isolados que orbitam ao redor das comunidades mais densas. Considerando o Grau de Entrada, alguns perfis se destacam ao serem mais mencionados, como @Medicina\_CFM; @minsaude, novamente; @OmarAzizSenador; @mqueiroga2; @MPF\_PGR; @randolfeap, e @MPF\_PGR e @SenadoFederal, aparecendo de novo. Nessa outra análise, vemos fortemente relacionado ao cluster do Conselho Federal de Medicina (CFM) comentários de ataque ao “tratamento precoce”, em verde, e associação da pandemia a atores políticos, em lilás.

Essas análises de primeiro nível nos mostram uma forte polarização das discussões, com a formação de agrupamentos dentro dessas *hashtags* de opiniões semelhantes e também confirmam o alto grau de politização da pandemia e de uma discussão que é, a princípio, do campo da ciência. Isso aponta para um forte atrelamento dessas esferas nos discursos presentes nessa rede social on-line. Vale ressaltar que essas coletas também pegaram *posts* durante os meses da CPI da pandemia, o que pode ter contribuído para esse teor de politização e dos próprios atores destacados.

## 4 CONCLUSÃO

Neste trabalho, propôs-se a analisar de que forma se deu o debate sobre o “tratamento precoce” no contexto do Twitter, avaliando de que formas se expressaram as redes de apoio e reprovação a este “tratamento”, e levando em conta de que maneira essa discussão atrelou-se ao campo político. Para isso, levou-se em consideração quais temas foram acionados para defender o seu uso ou não uso, de que forma o conceito de comprovação científica foi acionado e como as relações de confiança influenciam neste processo.

Os dados da análise de nível 1 apontam para uma forte polarização dos discursos dentro da rede, com forte predominância de um único ponto de vista dentro das *hashtags* analisadas. Logo, a *hashtag* nomeadamente favorável ao tratamento precoce (#TratamentoPRECOCESalvaVidas) apresentou predominância de opiniões favoráveis ao uso dos medicamentos do chamado “kit covid”, enquanto as duas *hashtags* desfavoráveis ao “tratamento” (#TratamentoPrecoceNãoExiste e TratamentoPrecoceNAOFunciona) apresentaram opiniões predominantemente desfavoráveis. A *hashtag* #TratamentoPrecoce, como já se esperava, reuniu opiniões um pouco mais equilibradas em relação ao uso desses medicamentos.

Quando se analisa os resultados da análise de nível 2 dessa pesquisa, esses números indicam uma forte politização deste debate, com a categoria “Associação da pandemia a atores políticos” sendo a predominante em todas as análises feitas, o que indica que, como já se suspeitava, esse debate foi fortemente atrelado à esfera política na rede, o que é indício de uma politização de um debate que deveria se ater à esfera científica.

Outro dado relevante apontado por essa pesquisa é que a categoria “Mera defesa ou ataque” também foi recorrente nas publicações selecionadas, o que indica um forte tom polarizado neste debate. Isso demonstra que os discursos circulam entre pessoas com mesmas convicções em relação ao tratamento da covid-19 — tanto a favor quanto contrárias ao “tratamento precoce” —, o que atesta a incidência das câmaras de eco, reforçadas pelo fenômeno da bolha de filtros que o algoritmo do Twitter acaba por provocar. Portanto, não há oposição de ideias dentro da rede, que reúne, dentro das *hashtags* analisadas, homogeneidade de opiniões. Ademais, foi identificada uma rejeição a opiniões destoantes da opinião dominante, com ataques ou mero reforço dos argumentos da temática.

Destaca-se também a forte “Referência à comprovação pela ciência”, outra categoria que teve números destacados nesta pesquisa em todas as *hashtags*. Isso aponta que, embora o debate tenha sofrido de forte politização, o argumento científico foi substancialmente

utilizado nesses discursos, o que indica que os usuários reivindicam para si o direito de falar sobre ciência, “cientificamente”, e a própria autoridade científica, ao utilizar de dados em suas enunciações.

A última categoria que se destaca é a de “Referência a comprovação por experiência pessoal/terceiros”. Esta, ainda que com números mais discretos comparados às relacionadas à politização, também teve números expressivos, o que nos aponta que a experiência pessoal ou próxima dos usuários teve forte presença em seus argumentos. Isso mostra dois pontos: o primeiro é a força do senso e da experiência da vida comum como evidência de verdade nesses argumentos. A segunda é que a autoridade, em tese, científica, parece ser substituída pela experiência pessoal, como se ambos argumentos tivessem o mesmo peso nas argumentações. Nesse sentido, parece haver uma competição entre a autoridade científica e a autoridade experiencial, ou até uma reivindicação da autoridade científica — isto é, aqueles que produzem discursos de verdade na sociedade — para o usuário, que se testa em si mesmo ou em conhecidos o “tratamento precoce” ou as medidas de mitigação da covid-19 e, portanto, os aprova ou desaprova.

O conceito de comprovação científica aparece como elemento reforçador de argumentos, sendo reivindicado, a depender do caso, pela experiência pessoal – comprovado pela experiência pessoal.

Predominantes nas publicações avaliadas, essas categorias indicam que houve uma politização da pandemia, mas não só. Indicam, também, que atreladas a ela estavam as relações de confiança e o próprio conceito de comprovação científica. Como vê-se neste trabalho, a homogeneidade dentro do grupo busca ser mantida e é constituída por valores, crenças e costumes compartilhados internamente. Com isso, confia-se em quem é politicamente alinhado ao usuário, e quem é politicamente alinhado ao indivíduo desperta a sua confiança, mesmo para critérios que deveriam ser meramente científicos. Exemplo disso é quem apoia ou desaprova o “tratamento” porque confia em um parente ou ator político que recomenda o uso de “tratamento precoce”.

As relações políticas tornam-se relações de confiança — confia-se em um usuário, conhecido ou mesmo ator político, que defende ou reprova o “tratamento precoce” pois ele desperta a confiança. As relações políticas, pois, transformam-se em relações de confiança, e as relações de confiança, ainda que não tenham comprovação científica, medeiam a adesão a um tratamento, que deveria dar-se com base científica. Da mesma forma, quem desperta a confiança, a partir dos seus valores e crenças, angaria apoio político.

Assim, relações políticas são influenciadas por relações de confiança e relações de

confiança são influenciadas por posicionamentos políticos — apoia-se aqueles que acreditam no que se acredita, seja politicamente, seja cientificamente. Essas relações se influenciam mutuamente. Paralelo a isso, vê-se como essas duas esferas influenciam uma escolha que, em tese, deveria basear-se em critérios científicos, mas que baseou-se, na verdade, em relações de confiança relacionadas a crenças políticas.

Ao mesmo tempo, por meio dessas relações entre confiança, política e ciência, ficou evidente uma politização da ciência dentro deste debate, assim como uma confiabilização de evidências, isto é, acredita-se em evidências apresentadas por atores que despertam a confiança, desde que sejam conhecidos — ou atores políticos, membros da rede, ou familiares e amigos —, ainda que essas “evidências” venham de artigos científicos distorcidos.

Esta pesquisa, no entanto, ainda não está finalizada e aponta para o futuro um aprofundamento das categorizações e de uma ampliação do *corpus* em busca de resultados mais consistentes; além de uma maior atenção à análise da interação dos usuários no Twitter, para compreender de que forma ocorrem essas interações. Isso ocorrerá por meio de uma análise de redes sociais das interações dos usuários em todas as *hashtags*.

Isso também poderá ser feito através da abordagem de outras temáticas, a exemplo de tratamentos da área de saúde, também em busca de entender de que forma as relações de confiança, as relações políticas e o conceito de comprovação científica e a própria politização da ciência atrelam-se — caso atrelem-se.

Sobretudo, há a intenção de se aprofundar em compreender de que forma o debate dentro da rede reflete ou tem reflexos no mundo off-line. Fora das redes sociais esses números e resultados seriam diferentes? Como se deu o debate sobre o “tratamento precoce” nas ruas? As relações de confiança de fato medeiam, junto com a política e o próprio conceito de ciência, a adesão ou não adesão ao “tratamento precoce”?

Essas são algumas das questões que a possível continuidade dessa pesquisa buscará descobrir.



## 8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BIERNATH, André. Tratamento precoce | 'Kit covid é kit ilusão': os dados que apontam riscos e falta de eficácia do suposto tratamento. **BBC News Brasil**, São Paulo, 27 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55775106>.

BOT. CAMBRIDGE Dictionaries Online. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/bot>. Acesso 03 dez. 2022.

CARVALHO, Priscila Ramos; CASTRO, Paulo César; SCHNEIDER, Marco André Feldman. Desinformação na pandemia de Covid-19: similitudes informacionais entre Trump e Bolsonaro. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 15–41, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/106529>. Acesso em: 1 jul. 2021.

CARAMELLI, Bruno; FURLAN, Leonardo. The regrettable story of the “Covid Kit” and the “Early Treatment of Covid-19” in Brazil. **The Lancet Regional Health - Americas**, 2021. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X\(21\)00085-5/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X(21)00085-5/fulltext). Acesso em 03 dez. 2022.

DUNKER, Christian. (2017). Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, C.; TEZZA, J. Fuks; TIBURI, M.; SAFATLE, V.. **Ética e pós-verdade**. São Paulo, SP: Brasiliense. p. 10-45.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MÕES, Malu. Saúde rejeita recomendação contra “kit covid”. **Poder 360**, Brasília, 21 jan. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/saude-rejeita-recomendacao-contr-kit-covid/>.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

OLIVEIRA, Thaiane. Desinformação científica em tempos epistêmicos: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Fronteiras**, v.22, n.2, p. 21-35, 2020. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.03/60747736>. Acesso em 21 jan. 2022.

OLIVEIRA, Thaiane; ARAUJO, Ronaldo. Desinformação e mensagens sobre a hidroxiclороquina no Twitter: da pressão política à disputa científica. **AtoZ**, v. 9, n.2, 2020. Disponível em <https://revistas.ufrpr.br/atoz/article/view/75929>. Acesso em: 21 jan. 2022.

O que são bots? Definição e Explicação. **Kaspersky**. Disponível em: <https://www.kaspersky.com.br/resource-center/definitions/what-are-bots>

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe Bonow; VINHAS, Otávio; VOLCAN, Thaiane; ZAGO, Gabriela; STUMPF, Elisa Marchioro; VIEGAS, Paula; HUNTTNER, Luiz Ricardo; BONOTO, Carolina; SILVA, Gabriela; PASSOS, Iara; SALGUEIRO, Igor; SODRÉ, Giéle. **Desinformação, Mídia Social e Covid-19 no Brasil: Relatório, resultados e estratégias de combate**. Relatório de Pesquisa. 2020. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/midiars/files/2021/05/Desinformac%CC%A7a%CC%83o-covid-midiars-2021-1.pdf>. Acesso 03 dez. 2022.

RECUERO, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais online**. Salvador: EDUFBA, Coleção Lab404, ed. 1, 2017.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe.; ZAGO, Gabriela. Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre Covid-19 no Twitter. **Revista Contracampo**, [S. l.], v. 40, n. 1, 30 abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/45611>.

RIBEIRO, Marcelo; SCHUCH, Matheus. Pacientes passaram a exigir remédios do 'kit covid' após falas de Bolsonaro, diz Batista à CPI. **Valor Econômico**, Brasília, 22 set. 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/09/22/pacientes-passaram-a-exigir-remedios-do-kit-covid-apos-falas-de-bolsonaro-diz-batista-a-cpi.ghtml>.

SACRAMENTO, Igor; PAIVA, Raquel. Fake news, WhatsApp e a vacinação contra a febre amarela. **MATRIZES**, v.14, n.1, p.79-106, jan./abr.2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/160081>. Acesso em 21 jan. 2022.

SILVA, Fernanda de Barros da.; CASTRO, Paulo César. Desinformação e política nas redes sociais online: a disputa presidencial de 2018 sob a estratégia dos conteúdos impostores. XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB. Porto Alegre, 7 a 11 nov. 2022.

TIC DOMICÍLIOS: Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros - 2020. [https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211124201233/tic\\_domicilios\\_2020\\_livro\\_eletronico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211124201233/tic_domicilios_2020_livro_eletronico.pdf)

QUATTROCIOCCI, Walter; SCALA, Antonio; SUNSTEIN, Cass. R. Echo Chambers on Facebook. **SSRN Scholarly Paper**, n. ID 2795110. Rochester, NY: Social Science Research Network, 13 jun. 2016. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/abstract=2795110>.

WARDLE, Claire. First draft's essential guide to understanding information disorder. [S. l.]: **First Draft**, 2019. Disponível em: [https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2019/10/Information\\_Disorder\\_Digital\\_AW.pdf?x76701](https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2019/10/Information_Disorder_Digital_AW.pdf?x76701).

WORD OF THE YEAR 2016. Oxford Language, Oxford, 2016. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em: 10 fev. 2017.